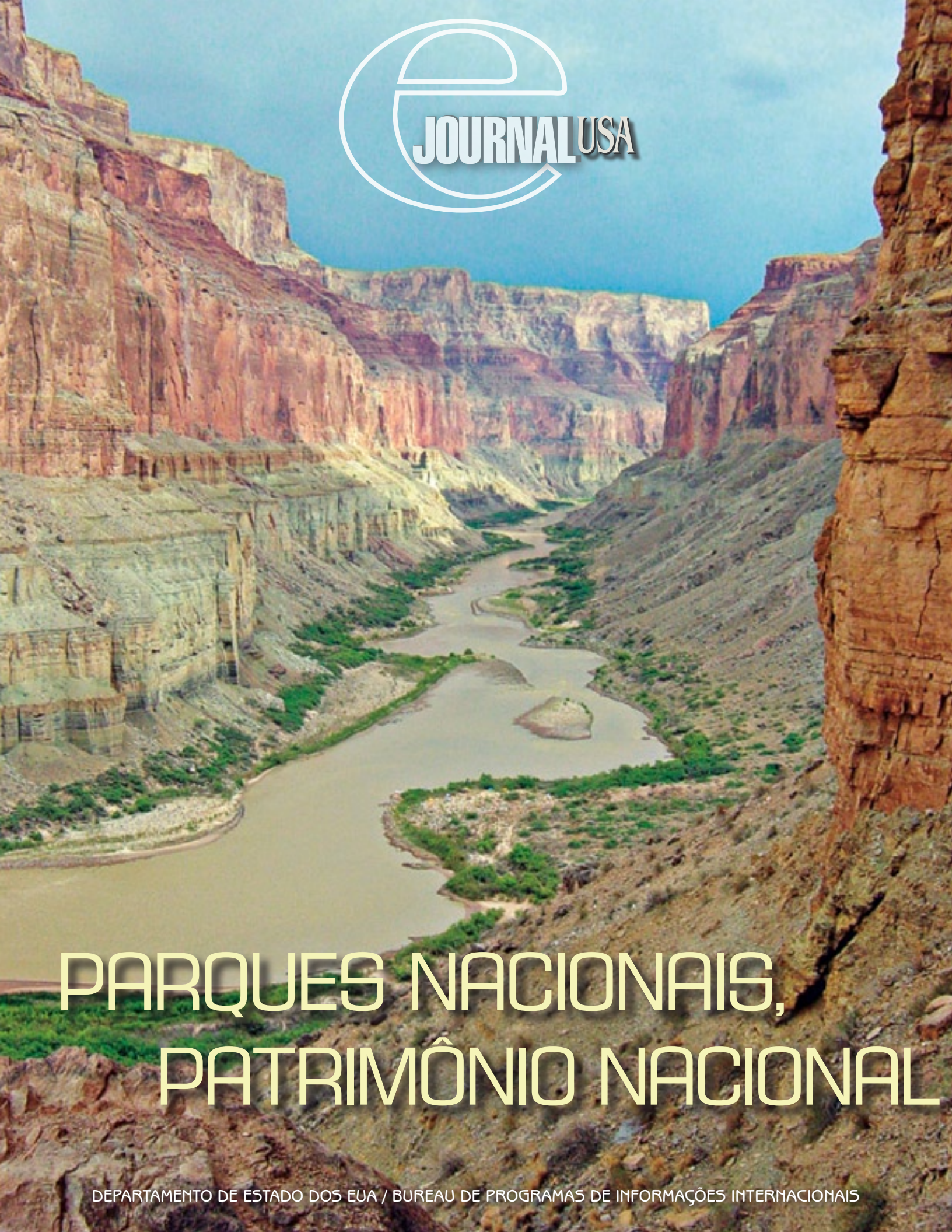


eJOURNAL USA

PARQUES NACIONAIS, PATRIMÔNIO NACIONAL

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / JULHO DE 2008/
VOLUME 13 / NÚMERO 7

http://www.america.gov/publications/ejournals.html

Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Jeremy F. Curtin
Editor executivo	Jonathan Margolis

Diretor de criação	George Clack
Redator-chefe	Richard W. Huckaby
Editora-gerente	Charlene Porter
Gerente de produção	Susan L. Doner
Assistente de gerente de produção	Chloe D. Ellis
Produtora Web	Janine Perry

Editora de cópias	Kathleen Hug
Editora de fotografia	Ann Monroe Jacobs
Ilustração da capa	Min Yao
Especialista em referências	Martin Manning
Revisora do português	Marília Araújo

Capa: O Rio Colorado talhou o Grande Canyon, no Arizona, nos últimos 5 a 6 milhões de anos. O canyon tem quase 450 quilômetros de comprimento, o parque nacional que o rodeia abrange quase 5 mil quilômetros quadrados e a distância da orla ao rio é de mais de 1.800 metros
Foto NPS: Mike Quinn

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica uma revista eletrônica mensal com o logo *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma nova revista em inglês, seguida pelas versões em francês, português, russo e espanhol. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há link nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em *http://www.america.gov/publications/ejournals.html.*

Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA em seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
301 4th St. S.W.
Washington, DC 20547
United States of America

E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição

Dennis Coello, © AP Images/Associação de Ciclismo de Aventura

Ciclista passeia no Parque Nacional do Vale de Cuyahoga, em Ohio. O nome vem de uma palavra dos índios americanos para o rio sinuoso que serpenteia através de um terreno incomum esculpido pelas geleiras de vales íngremes e montanhas estreitas e altas

Por meio de seu sistema nacional de parques, o povo dos Estados Unidos possui e protege montanhas, desertos, florestas, terras úmidas, vegetações de tundra e recifes tropicais.

Todos os cidadãos americanos são, de certo modo, responsáveis pelos lugares onde os fundadores dos Estados Unidos conceberam uma nova nação e onde povos antigos construíram cidades. Os americanos são protetores dos seres vivos mais altos da Terra e de centenas de espécies raras que avivam os desertos subtropicais.

O Serviço Nacional de Parques (NPS) dos EUA administra um sistema que se estende por parques, costas litorâneas, trilhas, monumentos e campos de batalha e que engloba 3,6% de toda a massa continental da nação. A terra e suas formas de vida são reservadas, preservadas e protegidas do asfalto, do crescimento descontrolado e do néon tão disseminados no mundo moderno. As áreas verdes dos parques nacionais — mais de 34 milhões de hectares — devem permanecer inalteradas para as futuras gerações, segundo a lei que criou o Serviço de Parques em 1916.

Ao mesmo tempo, os portões dos parques estão abertos para todos, e em mais de 277 milhões de visitas no ano passado americanos e muitos turistas estrangeiros visitaram um dos cerca de 400 parques nacionais buscando se divertir, relaxar e muito mais. As famílias americanas visitam os parques para ver e compartilhar as maravilhas de sua terra, para conhecer as forças e as pessoas que os moldaram ao longo dos séculos. A experiência se torna parte de sua própria história familiar, memória compartilhada de um dia quando juntos conheceram mais sobre seu país e como ele se construiu.

Muitos americanos saem dos parques com a crença certa vez descrita pelo ex-presidente Franklin Delano Roosevelt: "Não há nada tão americano quanto nossos parques nacionais. A paisagem e a vida selvagem são nativas. A idéia fundamental por trás dos parques é nativa. Em resumo, este país é do povo."

Esta edição de *eJournalUSA* apresenta algumas visões gloriosas dos parques nacionais e um pouco da história de como esse vasto sistema expandiu seu tamanho e sua missão ao longo das décadas. A diretora do NPS Mary A. Bomar e os cineastas Ken Burns e Dayton Duncan traduzem o espírito e a ética nacionais que os parques passaram a representar para os americanos e para todo o mundo. Outros artigos exploram como funcionários de parques dos Estados Unidos e de outras nações trocaram idéias, conhecimentos e técnicas para melhorar preservar e manter as terras, a vida e a cultura que são tesouros do patrimônio de toda nação.

—Os editores

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA/ JULHO DE 2008 / VOLUME 13 / NÚMERO 7
http://www.america.gov/publications/ejournals.html

Parques Nacionais, Patrimônio Nacional

O Espírito Nacional

5 **O Significado Espiritual e Cultural dos Parques Nacionais**
Edwin Bernbaum, diretor do Programa Montanhas Sagradas, Instituto das Montanhas
Os parques nacionais são mais do que pontos turísticos e maravilhas geológicas. Eles fazem parte da alma americana.

9 **A Própria História dos Estados Unidos**
Entrevista com Ken Burns e Dayton Duncan
Dois documentaristas estão terminando uma série de televisão que mostra os parques nacionais americanos e as histórias que eles contam sobre a terra, o povo e a democracia.

13 **As Jóias da Coroa**
Galeria de fotografias sobre os parques nacionais americanos.

23 **Cenário e Ciência nos Parques Nacionais dos EUA**
Richard West Sellars, autor, *Preserving Nature in the National Parks: A History* [*Preservando a Natureza nos Parques Nacionais: Uma História*]
O Serviço Nacional de Parques se esforça para proteger o cenário espetacular de seus sítios e ao mesmo tempo preservar as formas de vida mais singelas que dividem os parques com os visitantes.

28 **Parques Podem Mudar uma Nação**
Alvaro Ugalde, ex-diretor do Sistema de Parques da Costa Rica
Na Costa Rica, a criação de um sistema nacional de parques e seus esforços para proteger a biodiversidade costa-riquenha mudou a percepção do país sobre seus recursos naturais.

31 **Oh, Ranger: Fazer Algo de Duradouro**
Chris Barter, supervisor de equipe de trilha, Parque Nacional de Acádia

32 **Parques dos EUA: Cronologia**
Resumo dos principais eventos que marcaram os parques nacionais em mais de 130 anos.

Zeladores do Futuro

35 **Lugares Especiais Unindo Todos os Americanos**
Entrevista com Mary A. Bomar
A diretora do Serviço Nacional de Parques explica como os parques são emblemáticos da história americana e da colonização e expansão da nação.

38 **Quando um Parque Não É um Parque**
O Serviço Nacional de Parques dos EUA é zelador de mais de 400 locais substancialmente diferentes em tamanho, abrangência e histórias.

40 Guardas-Florestais e Guias Suíços
Os parques nacionais americanos empregaram uma prática suíça para melhorar a experiência dos visitantes nos parques.

41 Oh, Ranger: O Apelo das Rochas
Bob Spoelhof, guarda-florestal interpretativo, Parque Nacional do Vale da Morte, Califórnia

42 Clima de Mudança
Jeff Rennicke, professor, Conserve School, Wisconsin

Os parques nacionais lançam iniciativas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e abordar a questão da mudança climática.

44 Expulsando os Invasores
O Serviço Nacional de Parques trabalha para controlar espécies de plantas invasoras e preservar o habitat de plantas nativas.

45 Oh, Ranger: O Local de Trabalho Mais Lindo do Mundo
Sue O'Connor, operadora de equipamentos, Parque Nacional das Montanhas Rochosas, Colorado

Respeito à Herança Cultural

46 Guardiões dos Monumentos Antigos
Charlene Porter, editora-gerente, *eJournalUSA*

O Serviço Nacional de Parques preserva sítios que foram habitados por americanos pré-históricos e compartilha seu conhecimento especializado com preservacionistas de outros países.

49 Patrimônio de Toda a Humanidade
A Convenção do Patrimônio Mundial protege mais de 800 sítios em todo o mundo.

51 Oh, Ranger: Nos degraus onde esteve Martin Luther King
Marisa Richardson, guarda-florestal interpretativa, National Mall e Parques Memoriais, Washington, D.C.

52 Recursos Adicionais
Livros, artigos e sites que oferecem informações complementares sobre os parques nacionais americanos.

O Rio Tuolumne vagueia por prado do Parque Nacional de Yosemite na Califórnia. Designado como rio pitoresco merecedor de proteção, o Tuolumne percorre mais de 85 quilômetros pelo parque. Logo ao norte desse prado, os caminhantes encontram uma trilha descendente que leva a uma série impressionante de cachoeiras

(Keith Walklet, Serviços de Concessão de Yosemite/© AP Images)

O Significado Espiritual e Cultural dos Parques Nacionais

Edwin Bernbaum

Eric Gisberg/©AP Images

As árvores do Monumento Nacional das Florestas de Muir, no Condado de Marin (Califórnia), estão em uma das últimas florestas antigas do planeta. Essas espécies de sequóia costeira são os seres vivos mais altos do mundo. Recebendo o mesmo nome do conservacionista John Muir, o sítio do parque da Califórnia celebrou seu 100o aniversário em 2008

Os parques nacionais são mais do que pontos turísticos, monumentos e territórios, mais do que montanhas, florestas, lagos e maravilhas geológicas. Eles fazem parte da alma americana.

*Edwin Bernbaum, PhD, é diretor do Programa Montanhas Sagradas do Instituto das Montanhas e autor de S*acred Mountains of the World [Montanhas Sagradas do Mundo]. *Este artigo foi extraído de* America's Best Idea — A Photographic Journey Through Our National Parks [A Melhor Idéia dos Estados Unidos — Uma Viagem Fotográfica pelos Nossos Parques Nacionais], *livro de co-autoria de Bernbaum, publicado pela American Park Network (primeira edição 2006; segunda edição 2008).*

As fantásticas paisagens e características da natureza preservadas nos parques nacionais têm a capacidade de despertar um extraordinário sentido de deslumbramento. A elevação etérea de um pico na neblina, o deslizar suave de uma águia em vôo, a inclinação brilhante dos raios de sol perfurando as profundezas de uma floresta primitiva — tais vislumbres de beleza natural podem emocionar as pessoas de formas inexplicáveis. Os parques nacionais transportam os visitantes para muito longe dos confins da rotina da existência, para mundos fantásticos, cheios de mistério e esplendor, governados por forças além do nosso

controle. Ao visitar os parques nacionais, muitos buscam transcender as distrações superficiais que perturbam a vida de cada dia e vivenciar algo de valor mais profundo e duradouro. De fato, esses santuários naturais intocados representam lugares de renovação espiritual onde podemos retornar à fonte do nosso ser e recuperar o frescor de um novo começo.

Além do seu valor científico como repositórios da diversidade e do conhecimento geológicos e biológicos, os parques nacionais revestem-se de um profundo significado espiritual e cultural para o povo americano. A idéia da natureza como local de inspiração e renovação desempenhou papel fundamental na criação do Serviço Nacional de Parques em 1916. Por exemplo, a principal motivação de um dos primeiros conservacionistas, John Muir, para trabalhar pela criação do Parque Nacional de Yosemite na Califórnia foi a de preservar o Vale de Yosemite como "um templo muito mais imponente do que qualquer outro feito pela mão humana". Estudo da Associação de Conservação dos Parques Nacionais (NPCA) constatou que a mensagem mais convincente para galvanizar o apoio público aos parques nacionais é que eles "nos oferecem alguns dos mais belos, grandiosos e espetaculares lugares da Terra".

A beleza e a grandiosidade dos parques nacionais inspiraram importantes obras de arte, fotografia, literatura e música. No final do século 19, os surpreendentes quadros de Thomas Moran, do Parque Nacional de Yellowstone (Wyoming), e os de Albert Bierstadt, do Vale de Yosemite, ajudaram a chamar a atenção do país

NPS, Parque Histórico Nacional Nez Perce

Em passeio por uma trilha em 2005, membros da tribo Nez Perce retornam ao Campo de Batalha Nacional do "Big Hole", um dos 38 sítios do Parque Histórico Nacional Nez Perce. Desde os tempos pré-históricos, esses índios americanos vivem no território agora dividido entre os estados de Idaho, Oregon, Montana e Washington. Os membros da tribo trabalham agora em parceria com o Serviço Nacional de Parques para proteger e preservar os sítios, as estórias e os artefatos relacionados com sua história e cultura

para esses lugares extraordinários. As imagens de árvores imutáveis e montanhas monumentais do fotógrafo Ansel Adams evocam um mundo de eterna beleza preservado nos parques nacionais. O compositor Ferde Grofé ficou tão impressionado com a visita ao Grande Canyon (Arizona), que se sentiu incapaz de expressar seus sentimentos com palavras e só conseguiu comunicar sua experiência por meio da música, compondo, assim, a sua obra mais famosa, a *Suíte Grande Canyon.*

mais visitado, o das Grandes Montanhas Fumegantes (Great Smoky Mountains), vem da associação com as culturas apalache e cheroqui.

Os parques nacionais resguardam importantes aspirações e valores americanos. Os elevados picos e os profundos canyons dos parques, tais como o de Denali (Alasca) e o do Grande Canyon, expressam a majestade e a grandeza dos Estados Unidos exaltadas no hino nacional "America the Beautiful". As vastas paisagens e os lugares

(H. Rumph Jr./© AP Images)

Trabalho do artista Albert Bierstadt, do final do século 19, visto aqui na Academia de Belas-Artes da Pensilvânia (Filadélfia), ajudou a focalizar a atenção da opinião pública sobre as maravilhas naturais do Oeste americano e angariou apoio para a criação dos parques nacionais para preservá-las

Os parques nacionais funcionam como ícones culturais de herança e identidade. Para muitos, eles preservam a essência pura e o espírito pioneiro dos Estados Unidos. Os pais levam a família para viagens aos parques nacionais como peregrinações seculares para se familiarizarem com os marcos nacionais que cultuam os valores, os ideais e a origem da nossa nação. No estudo da NPCA, a segunda mensagem mais convincente, surgindo logo depois, foi: "Nossos parques nacionais são o legado que deixamos para nossos filhos."

Ícones como o Yellowstone, o Yosemite e o Grande Canyon passaram a representar a nação como um todo, enquanto o pico permanentemente nevado do Monte Rainier, em Washington, tornou-se símbolo evocativo do Noroeste do Pacífico. Muito da atração do parque nacional

sem obstáculos preservados dentro do Sistema Nacional de Parques servem para lembrar a busca de liberdade e independência que está na essência da cultura e da história dos EUA. As montanhas altas e as áreas selvagens remotas, em parques tais como Grand Teton (Wyoming), North Cascades (Washington) e Wrangell-St. Elias (Alasca), oferecem oportunidades para os tipos de desafios e aventuras que formam o caráter e contribuem para o espírito de "poder fazer" do país. Muitos vão para florestas primitivas e lugares tranqüilos em Redwood (Califórnia), nas Montanhas Rochosas (Colorado) e em outros parques nacionais, como catedrais naturais, procurando encontrar a paz e a contemplação e recobrar o sentido de quem são e do que é importante na vida.

Os índios americanos, junto com as culturas nativas do Havaí, do Alasca e de Samoa, vinculam muitos dos seus valores espirituais mais profundos a crenças, práticas e lugares sagrados e a tradições ligadas a terras que agora estão dentro dos parques nacionais. Os hopis e outras tribos do Planalto do Colorado fazem peregrinações ao Parque Nacional de Mesa Verde para realizar rituais nas moradias dos penhascos dos anasazis, seus misteriosos ancestrais. Os cheroquis vêem as Grandes Montanhas Fumegantes da Carolina do Norte e do Tennessee como sua terra ancestral e consideram os cumes arredondados, tais como a montanha Cúpula de Clingman, como locais de refúgio e cura, e fontes de rios que dão vida. Os havaianos nativos reverenciam a lava e a vegetação do Vulcão Kilauea, no Parque Nacional dos Vulcões no Havaí, como o território e o corpo sagrados de Pele, a deusa dos vulcões, que traz vida e fertilidade por meio de sua energia flamejante. Os pés-negros, os lakotas e outros índios americanos dos planaltos fazem danças do sol e saem em busca de visões em sítios cerimoniais dentro dos parques nacionais como o das Geleiras (Montana) e o Badlands (Dakota do Sul). Em deferência ao nome tradicional koyukon para o pico mais alto dos Estados Unidos, o Serviço Nacional de Parques trocou o nome do Parque Nacional Monte McKinley no Alasca para Parque Nacional e Reserva de Denali (Denali significa "O Maior de Todos"). O Parque Nacional da Samoa Americana ajuda a proteger os costumes, as crenças e as tradições de Samoa, a "terra sagrada" do povo samoano.

Por fim, os parques nacionais são de grande importância e atração para pessoas de todas as culturas, nos Estados Unidos e no mundo inteiro. Os nipo-americanos que vivem no Noroeste do Pacífico, por exemplo, referem-se ao Monte Rainier como o "Monte Fuji de Tacoma", ligando a montanha ao vulcão sagrado que é o símbolo do Japão, sua terra natal. Os afro-americanos podem sentir grande orgulho pelos Soldados de Búfalo, soldados afro-americanos do Exército dos EUA que ajudaram a defender e proteger o Yosemite, o Sequóia e outros parques nacionais no seu início. Pessoas do mundo inteiro vêm visitar os parques nacionais dos Estados Unidos para se informar sobre a criação de santuários semelhantes em seus próprios países. A "melhor idéia" dos Estados Unidos tornou-se modelo para proteção de lugares especiais em toda a Terra e importante contribuição para a cultura mundial. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

A Própria História dos Estados Unidos

Entrevista com Ken Burns e Dayton Duncan

David Jordan/ ©AP Images

Lava escorre do Kilauea, um dos vulcões ativos no Parque Nacional de Vulcões do Havaí. Os visitantes do parque podem ver evidências de 70 milhões de anos de vulcanismo, os processos que criaram ilhas que agora abrigam ecossistemas ímpares e uma cultura humana distinta. Sete zonas ecológicas existem na elevação que vai do nível do mar até quase 4.200 metros dentro do parque

Ken Burns e Dayton Duncan formam uma equipe de cinema documentário atualmente nas fases finais de produção de um filme sobre os parques nacionais dos EUA, com 12 horas de duração. Eles conversaram com Alexandra Abboud da revista eJournal USA*, enquanto estavam em Washington, D.C., para promover a pré-estréia do filme para funcionários do Serviço Nacional de Parques.*

Ken Burns está entre os mais conhecidos documentaristas americanos, tendo produzido obras grandemente aclamadas, muitas delas centradas em eventos históricos. Seus filmes foram exibidos para grandes audiências pelo Serviço Público de Radiodifusão, rede nacional de televisão nos EUA. Seu filme The Civil War [A Guerra Civil] *foi a série mais assistida na história da TV pública americana.*

Dayton Duncan é escritor e cineasta com nove livros em seu currículo, inclusive Out West: A Journey Through Lewis & Clark's America [Lá Fora no Oeste: Uma Viagem pelos Estados Unidos de Lewis & Clark] e Miles from Nowhere: In Search of the American Frontier [A Milhas de Lugar Nenhum: Em Busca da Fronteira Americana]. *Colaborou com Burns nos filmes* The Civil War, Baseball *e* Jazz.

Pergunta: Seus históricos envolvem a produção de filmes sobre temas de grande importância na história nacional e cultural dos Estados Unidos: *The Civil War,*

Jazz, Lewis & Clark: The Journey of the Corps of Discovery [Lewis & Clark: A Viagem do Corpo da Descoberta]. Os parques são outro assunto de grande significado na história nacional?

Burns: Sem dúvida. Ao escolher o tema de um filme, buscamos alguma entidade cujo todo seja maior que a soma das partes. Ele não pode deixar de refletir as contradições inerentes à história dos Estados Unidos e também o seu potencial. Acho que é esse tipo de enfoque que se faz presente no conjunto de nossa obra. Abordamos a questão do espaço: como nós cidadãos somos definidos por nossa relação com a terra nos Estados Unidos. Exploramos isso na história do Oeste, essa intersecção incrível onde todas essas culturas entram em choque. Exploramos esse tema em *Lewis & Clark* e em *Horatio's Drive [O Passeio de Carro de Horácio]*, filme sobre a primeira viagem de carro *cross-country*. E nos últimos seis anos temos nos dedicado à história dos parques nacionais, porque estamos convencidos de que a saga dos americanos voltados para a preservação dessa terra é a própria história dos Estados Unidos.

Lee Marriner/© AP Images

Os cineastas Dayton Duncan (à esquerda) e Ken Burns na sala de edição

Duncan: A exemplo do beisebol e do jazz, o Sistema Nacional de Parques é uma invenção americana. Quando o Parque Nacional de Yellowstone foi preservado em 1872, essa foi a primeira vez na história da humanidade que um governo federal decidiu que uma grande extensão de terra, não um parque urbano ou jardins públicos, deveria ser protegida e mantida em perfeitas condições para as gerações futuras. Essa é uma idéia e uma invenção americana. Nosso filme procura seguir essa história desde o início. Como a idéia de liberdade, ela tornou-se um dos maiores produtos de exportação dos Estados Unidos. Não quero parecer demasiado chauvinista, mas tenho muito orgulho disso.

P: O sistema de parques tem sido chamado de a "melhor idéia dos Estados Unidos" porque representa a primeira decisão de uma nação de conservar a terra dessa maneira, tanto para o lazer público como para seu próprio bem. Vocês vêem o sistema como importante produto de exportação?

Burns: Sem dúvida. Achamos que a idéia de liberdade, o verdadeiro amálgama desta nação, é realmente o que há de melhor. Mas se tiver de apontar qual foi a melhor idéia após a nossa formação, você pode ficar com os parques nacionais e sentir-se muito bem. O fato de haver quase 4 mil parques em praticamente 200 países deveria ser uma indicação do espetacular sucesso da idéia. E agora aqui sentados, conversando, nós, como cidadãos americanos, possuímos as cadeias de montanhas mais espetaculares, o canyon mais imponente da Terra, as árvores maiores, mais altas e mais antigas — e este é um portfólio maravilhoso para se ter como cidadãos.

Duncan: É próprio da democracia — que esses lugares especiais não se transformem em uma espécie de refúgio dos super-ricos ou das pessoas com títulos de nobreza. Esses lugares magníficos pertencem a todo o mundo. Eles são responsabilidade de todos e estão disponíveis para todos. Essa é uma definição de democracia aplicada à paisagem — as árvores mais altas, as mais esplendorosas cachoeiras e o canyon mais imponente. Uma nação que foi capaz de tal ação é uma nação nascida da idéia de democracia.

Burns: Isso não teria sido possível sem o impulso democrático.

Duncan: É isso que celebramos em nosso filme.

P: Os parques, monumentos e sítios do Sistema Nacional de Parques revelam histórias sobre democracia, natureza, pré-história e, com relação à história nacional, momentos de glória e momentos de vergonha. Quais dessas várias histórias vocês pretendem usar no filme?

Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias

"Todos precisam de beleza assim como de pão", disse o conservacionista americano John Muir, "de lugares onde se divertir e orar, onde a Natureza possa curar, alegrar e fortalecer tanto o corpo quanto a alma"

Burns: Nosso foco principal é a criação dos parques naturais, hoje em número de 58 em todo o país, e seguimos uma narrativa de grande complexidade e dramaticidade para contar a história de seu surgimento. Na maior parte, as pessoas são o tema: pessoas de origens as mais diversas que de certa forma obrigaram seu governo a tomar conhecimento de um lugar especial que queriam ver preservado e a cuja causa muitas vezes dedicaram suas vidas.

Duncan: Basta passar por uma pedra em qualquer parque nacional para ver a democracia em ação. Por trás de cada parque há uma história de democracia com "d minúsculo" na sua melhor forma: pessoas se organizando por si mesmas, dizendo "salvem esse lugar" e muitas vezes convencendo — no melhor dos casos — um Congresso indiferente a salvá-lo e protegê-lo. É uma idéia democrática no abstrato, mas ela sempre vem de americanos individualmente ou em pequenos grupos usando a alavanca da democracia para realizar algo a favor da posteridade. Thomas Jefferson [o terceiro presidente dos EUA e autor da Declaração de Independência] gostaria dessa idéia.

Burns: Seguimos os passos de personagens óbvios como John Muir1 e Teddy Roosevelt2, mas apresentaremos dezenas de outras pessoas realmente notáveis, das mais diversas camadas sociais, etnias, raça, sexo e país de origem. Nosso filme conta histórias de como elas dedicaram suas vidas a essa realização e como suas ações cruzaram com essa idéia maior sobre a qual temos falado.

Duncan: O sistema de parques só abraçou a causa da preservação de sítios históricos na década de 1930, quando foi reservado ao Serviço Nacional de Parques — uma agência bastante jovem — o papel de preservar, em nossa narrativa cronológica e histórica, os lugares que seguem o nascimento e a evolução dessa idéia, tais como campos de batalha, o Memorial Lincoln, o National Mall em Washington e a Estátua da Liberdade. Com a inclusão desses tipos de pontos históricos, os parques viraram sinônimo dos Estados Unidos. Eles abraçaram a própria idéia de Estados Unidos.

No filme, chamamos a atenção para lugares como o Sítio Histórico Nacional da Batalha de Washita, onde ocorreu o massacre dos índios cheiene; o lugar de encarceramento dos nipo-americanos no Sítio Histórico Nacional de Manzanar; a Escola Central de Ensino Médio de Little Rock3 até a Cidade de Oklahoma4 e Shanksville5. Que essa idéia — um compromisso nacional de preservação para o futuro — podia acabar até mesmo incluindo esses lugares que foram palco de ocorrências lamentáveis para que elas nunca mais voltem a acontecer.

Burns: Uma das coisas realmente importantes sobre o nosso filme e a experiência dos parques nacionais é essa camada de tempo. Pensamos nos parques nacionais como essas maravilhosas representações do tempo, seja na forma desses acontecimentos históricos recentes ou de grandes eventos geológicos como o entalhamento do Grande Canyon. Mas, como muitas pessoas ressaltam no filme, não é apenas a experiência desses lugares por si só, mas com quem você os vivencia. Seu conhecimento do parque é freqüentemente influenciado pelo fato de ter ido lá na companhia de seu pai e de sua mãe, o que fica indelevelmente ligado à sua própria psicologia pessoal. Mais tarde, como adulto, chega a hora de levar seus filhos e passar o que o historiador William Cronon chama de "a transmissão íntima" de uma geração para outra do amor pelo lugar que está personificado nos parques nacionais.

Assim como se pode visitar as catedrais da Europa e se emocionar com o fato de que foram precisos três séculos para que as pessoas pudessem construí-las à mão e para a consagração da obra, assim também os parques nacionais trazem à mente todos os que adicionaram camadas imperceptíveis à narrativa. E isso é uma grande história.

P: Qual foi o local mais emocionante que visitaram durante os meses de filmagem?

Burns: Tivemos muita sorte, como amigos e colegas, de recolher experiências únicas e inacreditáveis em muitos lugares diferentes. Lembro de "flutuar" pelo Grande

Getty Images/National Geographic

A quase 6.200 metros, o Monte McKinley é o pico mais alto da América do Norte e característica proeminente do Parque Nacional de Denali no Alasca. Alces, renas, lobos e tipos de ursos vivem em mais de 2,4 milhões de hectares de terras selvagens. Arqueólogos descobriram também artefatos que documentam a presença de nativos do Alasca no local há 12 mil anos

Canyon com minha filha mais velha, a saída e a euforia do topo. Lembro de chegar ao coração de Denali [local da montanha mais alta da América do Norte] no Alasca — após quatro horas de viagem de carro de Ancorage até a entrada, e então viajar outras 90 milhas [cerca de 145 quilômetros], a maior parte do tempo em estrada de terra, para um interior sem saída. Montamos nossas câmeras para uma foto com céu encoberto e lapso de tempo, e por um período de quase três horas, com insetos em volta e apenas sanduíches para comer, Denali subitamente se revelou. Dayton estava com seu filho e nosso operador de câmera de longa data estava conosco. Para mim, foi um desses grandes milagres.

Duncan: O grande lance a respeito desse projeto é que esse trabalho nos permitiu visitar os lugares mais espetaculares encontrados em nosso país. Ele exige a nossa presença nesses locais 45 minutos antes do sol nascer para observar a transição da noite para o dia. Na natureza, esses momentos são mágicos, mágicos demais. Estamos concentrados em tirar a grande foto, de modo que passamos um bom tempo esperando em silêncio o sol se levantar. Tudo está pronto para decolar quando a luz mágica aparece, e não dá para superar isso.

As viagens com nossas famílias têm esse momento mágico, físico e espiritual, tornado ainda mais único pelo fato de você estar lá com seu filho ou com sua esposa e filhos. Caminhar no Grande Canyon no Dia dos Pais com meu filho é algo praticamente insuperável. Andar sobre um campo de lava antes do raiar do dia no Havaí com meu filho e observar o sol nascer e uma cascata de lava ir para o oceano e criar um novo pedaço de terra — isso é algo que nunca vou esquecer, e espero que ele também não esqueça. ■

Notas:

1. JJohn Muir (1838-1914) é considerado um dos grandes preservacionistas americanos de sua época. Ele foi defensor da proteção do Vale Yosemite da Califórnia e fundador do Clube Sierra, que hoje sobrevive como importante grupo de defesa ambiental.

2. Theodore Roosevelt foi presidente dos EUA de 1901 a 1909, período no qual o governo federal ampliou de forma significativa a designação de florestas e monumentos nacionais, embora seu mandato tenha precedido a criação do Serviço Nacional de Parques em 1916.

3. A Escola Central de Ensino Médio de Little Rock, Arkansas, é um marco na luta pelos direitos civis nos EUA e é hoje sítio histórico nacional. Uma multidão hostil protestou contra a admissão de nove estudantes negros na escola em 1957. O presidente Dwight Eisenhower ordenou o uso de tropas para proteger os estudantes, mostrando a intenção do governo federal de cumprir a decisão da Suprema Corte a favor da dessegregação das escolas.

4. O Memorial Nacional da Cidade de Oklahoma homenageia as vítimas e os salvadores do atentado terrorista de 1995 contra repartições públicas na capital desse estado. A explosão do Edifício Federal Alfred P. Murrah matou 168 pessoas e feriu mais de 800 no mais grave atentado terrorista sobre solo americano antes do 11 de Setembro de 2001.

5. Shanksville, na Pensilvânia, é o local do Memorial Nacional do Vôo 93, atualmente em construção, em homenagem às vítimas do desastre de avião de 11 de setembro de 2001. Os passageiros desse vôo sacrificaram suas próprias vidas para dominar os seqüestradores do avião, frustrando o atentado a Washington, D.C., derrubando o avião num campo de Shanksville e matando as 44 pessoas a bordo.

As opiniões expressas nesta entrevista não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

As Jóias da Coroa

Cada um dos quase 400 parques nacionais do sistema de parques dos EUA é inigualável — abriga recursos geológicos, maravilhas naturais ou eventos históricos significativos, que contam parte da história de uma terra extraordinária e do povo que fez dela uma nação. *Parques Nacionais, Patrimônio Nacional* compartilha algumas dessas histórias nestas páginas e revela algumas das muitas vistas notáveis, que um dos primeiros observadores descreveu como "um novo paraíso e uma nova terra, sobre a qual o espírito criativo acabou de soprar".

(Wilfredo Lee/© AP Images)

Duas íbis brancas saltam na vegetação do Parque Nacional de Everglades, na Flórida. As aves, reconhecidas pela marca do bico vermelho, habitam do sul dos Estados Unidos ao norte da América do Sul

(Charlie Riedel /© AP Images)

O Monumento Washington (à esquerda) e o Memorial Jefferson, localizados na capital do país, são vistos aqui com cerejeiras japonesas carregadas de flores que fazem seu rápido aparecimento na primavera. Os dois monumentos fazem parte do complexo National Mall designado como parque nacional

Chuck Brown/© AP Images

Este farol do século 19, o farol de tijolo mais alto do mundo, é um ponto turístico da Costa Nacional do Cabo Hatteras, o primeiro litoral a receber do Congresso o status de parque nacional. Colado a uma faixa de ilhas em forma de barreira na Costa Atlântica dos Estados Unidos, o parque, que possui mais de 12 mil hectares, encanta banhistas e pescadores, mas é também uma parada importante na rota de aves migratórias

Douglas C. Pizac/© AP Images

O Parque Nacional Grand Teton é reconhecido pelas montanhas dentadas que se erguem verticalmente dos lagos formados pelo afastamento das geleiras. Está localizado em Wyoming, próximo ao Parque Nacional de Yellowstone

William Campbell, Serviço de Peixes e Vida Selvagem dos EUA/© AP Images

Este lobo-cinzento porta uma coleira com rádio para ser monitorado por biólogos no Parque Nacional de Yellowstone. O esforço de mais de uma década para restaurar a população de lobos-cinzentos das Montanhas Rochosas permitiu que o legendário predador fosse removido da lista de espécies em extinção em 2008

Jim Bounds, News & Observer/© AP Images

Cavalos selvagens vagueiam em algumas ilhas em forma de barreira na Costa Atlântica dos Estados Unidos. A manada é vista nos Shackleford Banks, na Costa Nacional do Cabo Lookout, na Carolina do Norte. O Serviço Nacional de Parques e uma fundação privada administram as manadas e às vezes permitem que indivíduos adotem os animais

(Judy Fahys, The Salt Lake Tribune/© AP Images)

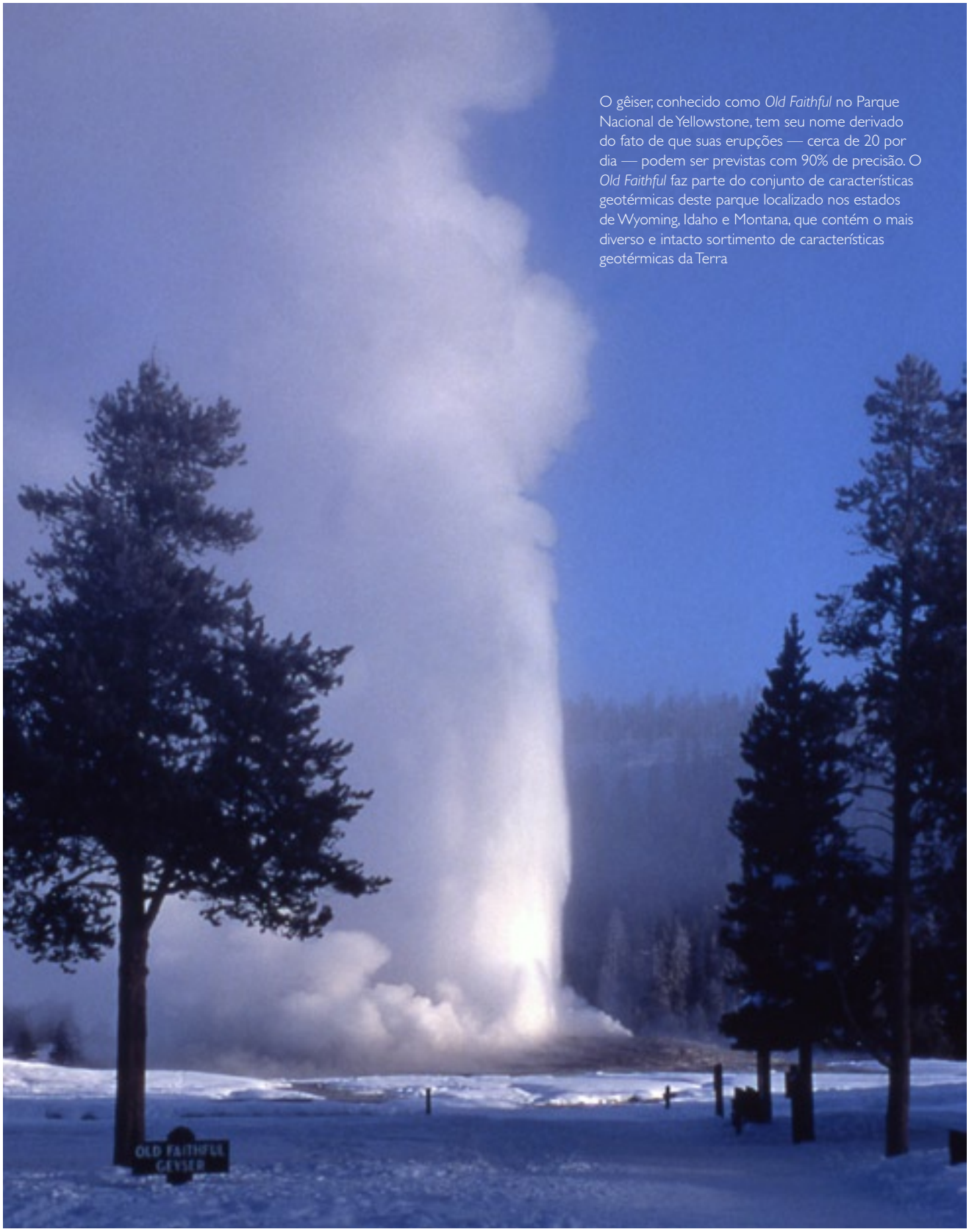
Guarda-florestal (embaixo, à direita) guia visitantes na subida de uma encosta no Parque Nacional dos Arcos, em Utah. A paisagem insólita revela milhões de anos de eventos geológicos e apresenta a maior densidade de arcos naturais do mundo

O Parque Nacional de Acádia, na acidentada Costa do Maine, tornou-se o primeiro parque nacional à oeste do Rio Mississippi. Ao observar o desenvolvimento da invasão da beleza natural no início do século 20, um conservacionista de grande visão doou a terra ao governo dos EUA para a criação do parque

National Geographic/Getty Images

Foto: Peter Craig/NPS

Convict tangs *(Acanthurus triostegus)* nadam junto com o peixe borboleta-de-sela *(Chaetodon ephippum)* nas águas do parque Nacional da Samoa Americana. Quase mil espécies de peixes são encontradas nas águas mornas e claras desse parque nas ilhas do Pacífico. Designado em 1993, esse parque adiciona floresta úmida paleotropical, cenário das ilhas do Pacífico e ecossistema de recifes de coral ao sistema de parques dos EUA



O gêiser, conhecido como *Old Faithful* no Parque Nacional de Yellowstone, tem seu nome derivado do fato de que suas erupções — cerca de 20 por dia — podem ser previstas com 90% de precisão. O *Old Faithful* faz parte do conjunto de características geotérmicas deste parque localizado nos estados de Wyoming, Idaho e Montana, que contém o mais diverso e intacto sortimento de características geotérmicas da Terra

(Foto: Sandy Kinzer/NPS)

(© AP Images)

Uma névoa, que se acredita ser gerada pelas imensas florestas dessas montanhas, deu origem ao nome do Parque das Grandes Montanhas Fumegantes na fronteira do Tennessee com a Carolina do Norte. O parque abriga um dos mais preservados meio ambientes naturais no leste dos Estados Unidos e uma imensa gama de vida animal e vegetal. A diversidade da cultura americana é outra atração do parque, que já abrigou tribos de índios americanos e pioneiros aventureiros que viajaram e povoaram as montanhas na expansão para o oeste

Gary Berdeaux, NPS/© AP Images

O Parque Nacional Caverna do Mamute é o maior sistema de cavernas do mundo, com cerca de 600 quilômetros mapeados. Esculpidos na Terra por forças geológicas que tiveram início há 10 milhões de anos, os túneis e as câmaras das cavernas ainda estão sendo explorados, sem previsão de término

Stephen Berend, Gillette News-Record/© AP Images

O Monumento Nacional Torre do Diabo está localizado no nordeste de Wyoming. Lendas sobre a criação da torre são compartilhadas por cerca de 20 tribos de índios americanos, e muitos a consideram um lugar sagrado. A torre aparece no filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, de 1977

John Heilprin/© AP Images

As atrações especiais do Parque Nacional Bryce Canyon em Utah são as estranhas formações geológicas provocadas pela ação do tempo e pelas erosões

Ben Margot/© AP Images

Este proeminente penhasco no Parque Nacional de Yosemite, conhecido como El Capitan, é um famoso desafio para os alpinistas

Jeff Chiu/© AP Images

Veados são vistos com freqüência nas campinas do Parque Nacional de Yosemite, na Califórnia. É mais difícil ver os carneiros das montanhas, porque preferem habitats alpinos, de difícil acesso. Apenas uma pequena população deles permanece em Yosemite, e são considerados espécie em extinção

(Mark Crosse, Fresno Bee/© AP Images)

Riachos e penhascos se juntam para fazer das quedas d'água uma das principais atrações do parque Nacional de Yosemite, na Califórnia

(Paul Hugus/© AP Images)

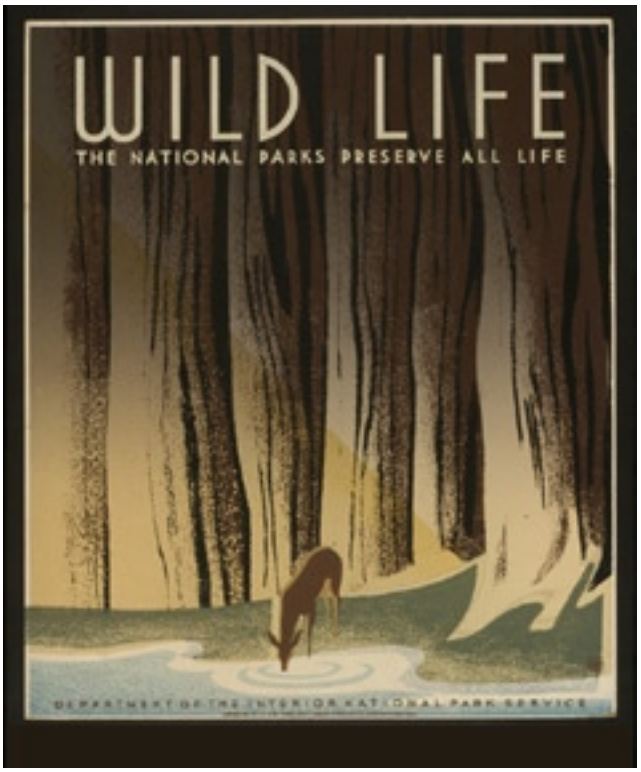
Um caminhante solitário é visto no topo de uma rocha no Maine, no trecho final da Trilha Apalache, de 3.460 quilômetros. Um dos maiores desafios para os caminhantes americanos, a trilha serpenteia por 14 estados em sua rota norte-sul, seguindo uma cadeia de montanhas que estão entre as mais antigas do mundo. As trilhas Apalache e Crista do Pacífico, com extensão de 4.186 quilômetros do Canadá ao México, foram os primeiros locais a receber proteção da Lei do Sistema Nacional de Trilhas

Cenário e Ciência nos Parques Nacionais dos EUA

Richard West Sellars

A ciência complexa que governa o mundo natural ainda não era bem entendida quando os primeiros parques nacionais foram criados nos Estados Unidos. Ao longo dos anos, essas vastas reservas de terras públicas foram administradas por uma burocracia que na verdade não compreendia sua ecologia. Décadas se passaram antes que esses princípios ganhassem seu merecido espaço na mente dos guardiões dos recursos mais preciosos da nação.

Richard West Sellars é historiador aposentado do Serviço Nacional de Parques e autor de Preserving Nature in the National Parks: [Preservação da Natureza nos Parques Nacionais: Uma História] *(Yale University Press, 1997). Ele foi presidente da Sociedade George Wright, organização internacional de conservação que recebeu esse nome em homenagem ao biólogo fundador dos programas científicos de recursos naturais do Serviço Nacional de Parques.*



Biblioteca do Congresso, Divisão de Impressos e Fotografias

Pôster do Serviço Nacional de Parques do final dos anos 1930 defende a idéia da preservação de qualquer vida, mas décadas se passaram antes que as práticas administrativas começassem a respeitar integralmente as comunidades naturais dentro dos parques

Comecei a trabalhar como historiador no Serviço Nacional de Parques em 1973. Como funcionário novo dessa venerável instituição, presumi que os biólogos do Serviço de Parques deviam representar papel importante na administração de parques nacionais renomados, como Yellowstone, Everglades e Great Smoky Mountains (Grandes Montanhas Fumegantes), com suas magníficas exibições de história natural. Com certeza, na tomada de decisões nos parques as preocupações ecológicas viriam em primeiro lugar. Quanta ingenuidade!

Muito depois, nos anos 1990, ao escrever sobre a história da administração da natureza nos parques nacionais pelo Serviço de Parques, percebi a verdadeira extensão da luta dos biólogos para promover uma gestão ecologicamente saudável. Durante décadas eles haviam enfrentado os profissionais que realmente mandavam no Serviço de Parques, para os quais a principal preocupação era proteger o cenário como atração turística.

Essas filosofias divergentes em relação à gestão dos parques reflete o que sempre foi o dilema central dos parques nacionais americanos: em um parque, o que exatamente deve ser preservado para as gerações futuras? É o próprio cenário — as paisagens deslumbrantes de florestas e prados, altas montanhas, flores silvestres e animais espetaculares? Ou é mais do que isso? Será todo o sistema natural dos parques, incluindo não somente os superastros biológicos e pitorescos como também o amplo leque de espécies menos expressivas, como os gramados e os cogumelos do solo?

Nas últimas décadas, outra consideração entrou na equação: cada vez mais, os parques são vistos como ecologicamente vitais para o planeta — tão globalmente importantes à sua maneira quanto o é a floresta tropical amazônica à sua maneira.

No entanto, a beleza majestosa dos parques nacionais dá a impressão de que o cenário por si só é o que os torna valiosos e merecedores de proteção. Na verdade, a preservação panorâmica foi o fator mais importante na criação dos primeiros parques nacionais — Yellowstone em 1872, seguido por Sequoia e Yosemite em 1890. Além da topografia espetacular, o que mais importava

Foto NPS

A Estalagem Old Faithful, construída em 1904 no Parque Nacional de Yellowstone, trouxe visitantes ao local, mas os construtores da época deram pouca importância ao impacto ecológico da construção

ao público eram os elementos evidentes da natureza — florestas e flores silvestres, em vez de camundongos e salamandras. No final do século 19, as ciências ecológicas eram apenas vagamente compreendidas. E, embora diversas comunidades ecológicas importantes tenham sido incluídas dentro dos limites do parque, isso ocorreu em grande parte graças ao acaso, pois essas comunidades estavam situadas em áreas reservadas para proteger o cenário, a bela "fachada" da natureza.

Gestão de fachada: foco no cenário

Em 1916, o Congresso dos EUA criou o Serviço Nacional de Parques para coordenar a administração de um sistema de parques nacionais em constante crescimento. A legislação exigiu a conservação do cenário, dos objetos naturais e da vida selvagem, além da fruição pública dessas atrações de forma a deixar os parques "intactos para deleite das gerações futuras". A intenção dessa legislação sempre foi ambígua, por consagrar tanto a preservação quanto o uso. Mas na prática real e concreta, deixar parques "intactos" aplicava-se quase totalmente ao cenário dos parques, não aos elementos sutis de suas comunidades ecológicas.

Ao desenvolver parques para que os turistas tivessem acesso às grandes atrações pitorescas, os primeiros administradores dos parques e seus sucessores buscavam alcançar a harmonia visual entre a nova construção e o cenário natural. Eles desenvolveram acampamentos, construíram grandes hotéis e traçaram estradas de rodagem através das áreas remotas e pitorescas dos parques. Engenheiros e paisagistas situaram muitos dos primeiros hotéis, museus e outras instalações quase no topo dos pontos mais característicos, porém com freqüência eram construídos em estilo arquitetônico rústico, usando toras e pedras pesadas, para que as estruturas parecessem

fazer parte do cenário natural. Da mesma maneira, eles projetaram estradas e pontes para que se integrassem ao ambiente natural.

Afinados com esses fatores visuais, os criadores de parques dessa época inicial quase não demonstraram preocupação com os processos ecológicos. No entanto, os administradores se opuseram a determinadas intrusões significativas — estradas de ferro, barragens e reservatórios. E protegeram as florestas e a vida selvagem com suas atrações, particularmente os grandes mamíferos carismáticos. Desse modo, exceto no caso de instalações turísticas, as montanhas e os vales dos parques escaparam ilesos, as florestas continuaram florescentes e os prados, com uma vegetação exuberante.

Mas a manutenção do cenário exigia pouca contribuição científica, ocasionando o surgimento de práticas ecologicamente incorretas: a introdução de espécies exóticas não nativas; a supressão de incêndios na floresta para evitar manchas escuras na paisagem pitoresca; a erradicação dos lobos e leões da montanha, que se alimentavam de outros mamíferos; e o uso de pesticidas para impedir que as florestas pitorescas fossem infestadas e devastadas por insetos nativos.

Desse modo, a "gestão de fachada" tornou-se a prática aceita — administrar os parques pitorescos para o público desfrutar, porém com pouca compreensão das conseqüências ecológicas. Para os responsáveis, parecia que, enquanto o desenvolvimento não afetasse seriamente o cenário, os parques permaneceriam "intactos para deleite das gerações futuras", como havia orientado o Congresso.

Preocupações ecológicas

Em meados dos anos 1920, os biólogos dos parques perceberam que a flora e a fauna são parte integrante de complexos ecológicos vastos e interligados. No entanto, o Serviço Nacional de Parques tinha tão pouca consideração por gestão científica baseada em pesquisa que, quando seus programas de ciência natural entraram por fim em funcionamento em 1929, tal fato ocorreu somente devido ao financiamento privado de um abastado biólogo do Serviço de Parques, George M. Wright. O Serviço de Parques logo começou a financiar os programas de Wright, mas a crescente influência dos biólogos liderados por ele diminuiu drasticamente após sua morte prematura em um desastre de automóvel no começo de 1936.

Quase três décadas se passaram antes que os biólogos — em luta com um Serviço de Parques preso à tradição — pudessem renovar de fato seus esforços tentando influenciar a gestão dos parques. Dessa vez, o apoio veio de fora do serviço. Relatório de 1963 da Academia Nacional de Ciências criticava duramente o Serviço de Parques, pedindo que a administração começasse a usar pesquisa científica intensiva para garantir a preservação dos sistemas ecológicos dos parques. A academia descrevia os parques como um "sistema de plantas, animais e habitat interligados" e insistia para que eles fossem considerados "bancos biológicos". O relatório deixava claro que uma administração preocupada principalmente com a manutenção do cenário não era suficiente.

Ainda em 1963, um comitê consultivo especial presidido pelo professor da Universidade da Califórnia A. Starker Leopold, um dos principais biólogos do seu tempo, emitiu o que seria a declaração de maior influência sobre a gestão dos parques desde a lei de 1916 que estabelecera o Serviço Nacional de Parques. O Relatório Leopold enfatizava a necessidade de melhoria da gestão ecológica e defendia a idéia de que cada um dos grandes parques naturais deveria apresentar uma "vinheta dos Estados Unidos primitivos". As comunidades naturais de vida dentro de cada parque, declarava o relatório, deveriam ser "mantidas ou, onde necessário, recriadas tão próximo quanto possível das condições que predominavam quando a área foi visitada pela primeira vez pelo homem branco".

Essa abordagem refletia uma conscientização das grandes mudanças ecológicas produzidas pelos americanos europeus e sua tecnologia. Onde viável nos grandes parques naturais, a restauração ecológica procuraria reverter as alterações. Desse modo, o Relatório Leopold lançava as bases para uma fusão da gestão de fachada com a gestão ecológica. A cena primitiva a ser recapturada seria apreciada tanto pelo aumento de sua integridade ecológica quanto por sua beleza física. Subjacente a esse esforço havia o sentimento urgente de que, embora o cenário majestoso dos parques fosse perdurar, sua diversidade biológica não sobreviveria sem uma mudança de abordagem.

A duradoura influência do Relatório Leopold originou-se em parte da apresentação persuasiva de questões ecológicas complexas. Ainda mais sutilmente, porém, sua visão dos Estados Unidos primitivos despertava sentimentos românticos e patrióticos, sugerindo uma espécie de fantasia "do novo mundo" — os parques como terra virgem. O Serviço de Parques desejava seriamente acreditar nessa visão e transmiti-la ao público. Isso chegava bem perto das razões culturais mais profundas

(Jennifer Demonte, The Daily Inter Lake/© AP Images)

A planta *beargrass,* vista aqui no Parque Nacional das Geleiras, em Montana, é nativa da região das Montanhas Rochosas. Os ursos comem a planta na primavera e a usam também em suas tocas como material de fabricação de ninhos. As práticas administrativas vigentes por diversas décadas tentam guardar todos os elementos do cenário de um parque, de plantas delicadas e insetos no seu dia-a-dia a picos e montanhas elevados

para a própria existência dos parques — o nacionalismo romântico que tem sido a base de apoio do público aos parques, em cujos horizontes as demais paisagens, compostas por altas montanhas e vastos espaços abertos, serviam como poderosos símbolos geográficos da origem nacional e do destino nacional.

O Relatório Leopold encorajou os esforços dos biólogos do Serviço de Parques a alterar determinadas práticas administrativas. Por meio de práticas de gerenciamento de incêndio baseadas em pesquisa, os parques tentaram aproximar-se dos efeitos dos incêndios naturais. Os gerentes dos parques também abandonaram programas de pulverização de insetos e deram mais proteção aos predadores nativos. Buscaram ainda reduzir as populações de espécies exóticas especialmente destrutivas, ao mesmo tempo que reintroduziam espécies nativas desaparecidas.

A gestão de recursos naturais dos parques também se beneficiou de iniciativas do Congresso, entre as quais a Lei da Vida Selvagem (1964) e a Lei das Espécies em Perigo de Extinção (1973). Essas e outras leis, particularmente a Lei Nacional de Política Ambiental (1969), ajudaram a melhorar a gestão dos parques nacionais e inauguraram as práticas do Serviço de Parques no sentido de maior segurança, inclusive o envolvimento público no planejamento dos parques.

No entanto, o movimento ambiental dos anos 1960 e 1970, incluindo os relatórios Leopold e da Academia Nacional, não conseguiu alterar substancialmente as prioridades tradicionais da agência no sentido de manter a fachada panorâmica da natureza. Repetidas demandas para a expansão dos programas de pesquisa, fundamentais para uma gestão ecológica saudável, receberam apoio insuficiente do Serviço de Parques, do Congresso ou do público fora da comunidade ambiental.

O DESAFIO DOS RECURSOS NATURAIS

No final do século 20, com crescentes ameaças como o aquecimento global, a expansão populacional e a destruição de habitats, a redução mundial de diversidade biológica trouxe à luz dos holofotes o conceito de parques nacionais como laboratórios ecológicos e "pools de genes". Os cientistas e segmentos cada vez mais amplos do público americano começaram a considerar os parques nacionais importantes para a saúde ecológica do planeta — como reservatórios de material genético e ilhas naturais, baluartes contra a mudança ou perda irreversível da espécie.

Em 1997, publiquei *Preserving Nature in the National Parks: A History [Preservação da Natureza nos Parques Naturais: Uma História]* — por vezes uma análise altamente crítica da administração dos recursos naturais pelo Serviço Nacional de Parques ao longo das décadas. Em resposta, o Serviço de Parques começou quase imediatamente a planejar uma nova e ambiciosa iniciativa para os recursos naturais, conhecida como Desafio dos Recursos Naturais. Anunciada em agosto de 1999, a iniciativa rapidamente ganhou apoio bipartidário do Congresso, situação que se mantém até hoje. Além disso, o desafio significa, sem dúvida, o maior aumento de pessoal e de financiamento da gestão científica de recursos naturais da história do Serviço de Parques.

Com escopo verdadeiramente abrangente, o desafio adquire, aplica e dissemina conhecimento científico a profissionais e ao público em geral em busca de metas para os recursos naturais e para a melhoria dos parques e da sociedade. Entre seus elementos específicos contam-se programas acelerados para inventariar as espécies nativas dos parques, tanto terrestres quanto aquáticas; monitorar mudanças em suas condições; e proteger e restaurar populações em perigo de extinção, ao mesmo tempo que remove espécies não nativas. O desafio também exige monitoramento aperfeiçoado do ar e da água. A criação de equipes nos parques para atingir essas e outras metas tem sido crucial, assim como também o aumento de oportunidades para que o público usufrua os recursos naturais dos parques e aprenda sobre eles e sobre sua preservação.

O Desafio dos Recursos Naturais inaugurou uma nova era na gestão dos parques nacionais. Eles têm experimentado, em grau sem precedentes, maior compreensão e cooperação entre a gestão de fachada e a gestão científica. Significativamente, o Desafio leva o Serviço de Parques rumo a uma melhor posição para enfrentar as crescentes ameaças ambientais deste século. Por fim, nos domínios do Congresso e do Serviço Nacional de Parques, e na verdade na percepção coletiva americana, o foco do desafio referente à integridade do ambiente natural dos parques tem ajudado a garantir uma interpretação mais ampla e mais ecologicamente inclusiva da orientação legislativa original de 1916, de deixar os parques nacionais "intactos para deleite das gerações futuras". ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Parques Podem Mudar uma Nação

Alvaro Ugalde

Foto: Rick Stanley

Do alto da Península de Osa, a antiga floresta tropical se estende do Golfo Dulce ao Oceano Pacífico no pôr-do-sol

Em 1969, um jovem estudante de biologia da Costa Rica foi aos Estados Unidos conhecer o Sistema Nacional de Parques de perto. Em 1970 ele se tornou o segundo funcionário do recém-criado sistema de parques do seu país. Ao fazer uma retrospectiva desses quase 40 anos de história do desenvolvimento dos parques, Alvaro Ugalde diz que a história da Costa Rica pode ser dividida em duas eras distintas: antes e depois do comprometimento das pessoas com a preservação da biodiversidade única do país para as próximas gerações.

Alvaro Ugalde é considerado fundador do sistema de parques da Costa Rica, do qual foi diretor nacional por duas vezes, além de líder de outras organizações conservacionistas importantes. Em 1999, foi nomeado líder ambiental do século pela revista Time.

Vi de perto o Sistema Nacional de Parques dos EUA durante vários meses em 1969, quando fui convidado para participar do Seminário Internacional sobre Parques Nacionais e Reservas Equivalentes, programa que permitiu a mim e a 25 outras pessoas do mundo todo visitar vários parques dos Estados Unidos. Conhecemos guardas-florestais, biólogos e concessionários — toda sorte de pessoas que participam do sistema americano.

Não estava nos meus planos fazer carreira no serviço de parques, pois isso não existia na Costa Rica. Mas, quando voltei para casa, o Congresso costa-riquenho tinha aprovado uma lei determinando a criação de um sistema de parques. Assim, fui voluntário durante seis meses na fase de criação desse sistema e depois fui contratado em

Foto: Rick Stanley

A arara piranga é membro da família de papagaios encontrada nas florestas tropicais da Costa Rica e habitats similares da região. Conhecida também como *Ara macao*, essa ave brilhante faz seu ninho nos pontos mais altos das copas das árvores das florestas tropicais onde a densa folhagem o esconde dos predadores

1970 como o segundo funcionário do serviço de parques.

Meu colega Mario Boza, primeiro funcionário do nosso sistema de parques, também participou da viagem de estudos patrocinada pelo Serviço Nacional de Parques dos EUA, que nos deu a idéia para um sistema de manejo e operação de parques, recepção de visitantes e preservação da terra e da natureza. Sempre penso no sistema americano como a janela pela qual vislumbramos o cenário maior.

Como biólogos, sabíamos que a proteção da biodiversidade do nosso país deveria ser o objetivo principal de nossos parques. Nosso pequeno país — apenas um terço de 1% da massa de terra do mundo — abriga 5% de todas as espécies do planeta. Naquela época o termo biodiversidade nem era usado, mas as inúmeras formas de vida tropical do nosso país vinham sendo estudadas há décadas. Meus professores na Universidade da Costa Rica eram pessoas esclarecidas que nos transmitiram noções de ecologia e evolução. Ao mesmo tempo, porém, víamos o país se desenvolver muito, muito, muito rapidamente.

Preservação da Costa Rica

Essa foi a nossa inspiração quando começamos a convencer os costa-riquenhos do que era preciso fazer para criar esses parques e preservar aquilo que era único do nosso país. Dizíamos às pessoas que precisávamos manter a Costa Rica como Costa Rica, que um país devastado, sem florestas nem vida selvagem, não era a Costa Rica. Criar parques e reservas era o que deveríamos fazer para deixar alguma coisa para o futuro, para nossos filhos, pois assim elas saberiam o que o país realmente era. Não foi difícil disseminar essa mensagem por toda a nação. Que o turismo, como benefício adicional, surgiria desse esforço como um motivo secundário.

A história da Costa Rica poderia ser dividida entre antes e depois dos parques. O país mudou completamente poucos anos depois do surgimento dos parques. Atualmente, não existe um costa-riquenho sequer que não tenha conhecimentos sobre conservação e sobre a riqueza natural do país, e são poucos os que não se beneficiam dos esforços de conservação. Mudamos o curso da nação e a economia do país com a construção de parques e reservas. Temos um novo paradigma de desenvolvimento, um país diferente do que tínhamos há 40 anos.

Antes de 1970, não havia áreas protegidas, e a maioria dos lugares naturais estava sob pressão da mineração, da caça e da extração de madeira, principalmente em locais como a Península de Osa, o lugar mais lindo do universo! É assim que me refiro a esse local, porque ele é inacreditavelmente belo e tem uma enorme biodiversidade. Desde que começamos a tentar salvar Osa, despertamos a atenção do mundo. Agora, as pessoas vêm aqui para ver Osa, e sua economia não tem mais nada a ver com mineração e extração de madeira. Tudo gira em torno da natureza.

Foto: Rick Stanley

Os órgãos da perereca-de-vidro da América Central são visíveis através de sua pele transparente

Hoje, à medida que o sistema amadurece na Costa Rica, ainda temos problemas. Dentro dos parques, a caça é um problema e, às vezes, temos incêndios florestais. Mas o maior problema está fora dos parques. Quando o desenvolvimento se dá de forma descontrolada em um vilarejo próximo, vemos os efeitos da falta de governança, da falta de controle e da falta de coordenação entre ministérios e outros órgãos públicos. A situação piora com muitos edifícios, poluição da água e falta de tratamento de esgotos. Essas coisas estão ocorrendo muito perto de alguns dos parques e, portanto, esse é um dos nossos principais problemas atualmente, além dos avultantes efeitos negativos da mudança climática.

Para salvar o planeta

Naquela época não sabíamos que o planeta estava em perigo. Agora, não somos mais desinformados. O comportamento coletivo da humanidade provocou uma fonte coletiva de ameaças ao planeta: aquecimento global, deterioração da biosfera, desaparecimento de espécies e derretimento dos pólos, entre outros indicadores.

No meu país, as enchentes são mais freqüentes e os períodos de seca, mais longos. As mudanças climáticas estão criando zonas mais secas e, com isso, algumas espécies de ecossistemas de terras baixas estão subindo para as montanhas. Os tucanos estão vivendo em lugares onde antes não existiam; e o mesmo ocorre com as formigas. Essas mudanças se espalham pela teia da vida. Tentamos proteger nossa biodiversidade nos parques, mas o impacto está em todo o país. Na Costa Rica, muito foi feito para isolar as áreas protegidas, mas elas ainda são apenas ilhas circundadas de problemas ambientais maiores.

Não podemos mais adiar nossa atenção a essas ameaças ao planeta; não podemos nos dar a esse luxo. Adiar uma ação contra o aquecimento global significaria que não nos importamos com o tipo de planeta nem com as condições de vida que deixaremos para os nossos filhos. Mas, como um otimista, acredito firmemente que se todos nós fizermos alguma coisa — indivíduos, famílias, comunidades e governos —, e se começarmos agora, o planeta responderá aos nossos cuidados e nós prevaleceremos. ■

A Fundação Floresta Tropical Oxigênio para a Vida (O2 For Life Rainforest Foundation) forneceu material de referência para este artigo. A Fundação se dedica à conservação e à proteção da natureza tropical e protege 500 acres (mais de 200 hectares) na região de Osa.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Fazer Algo de Duradouro

Chris Barter

Sou chefe de equipe de trilha do Parque Nacional de Acádia. Saímos às seis da manhã e voltamos às quatro da tarde. Passamos a maior parte do tempo cortando e movimentando pedras e usando-as para fazer construções — isto é, após termos transportado nossos apetrechos e ferramentas para o local de trabalho. É um trabalho braçal pesado, que exige habilidades que podem levar anos para serem adquiridas, mas a maioria de nós não trocaria isso por nada. Comecei a trabalhar com a equipe nas férias de verão da faculdade e 19 anos depois continuo fazendo, e amando, esse trabalho.

Há a beleza dos lugares, naturalmente. Acádia é repleta de montanhas com penhascos que se erguem do oceano, florestas silenciosas, pássaros canoros, veados ariscos saltitando nas trilhas, mergulhões-do-norte imergindo nos lagos. (...) Há também uma profunda satisfação derivada do trabalho em si: o conserto de escadas de pedra e caminhos construídos manualmente 80 ou 100 anos atrás — com o uso dos mesmos métodos usados na ocasião e com o mesmo objetivo daqueles que trabalham com pedras desde as pirâmides até agora — para fazer algo que seja duradouro e que tenha um sentido muito tempo depois da nossa partida.

O mais gratificante disso tudo é ver os visitantes subindo com facilidade uma escada que construímos ou caminhando em calçadas que fizemos para atravessar um trecho de lama, enquanto conversam sobre a vista ou apontam para algo no céu, sem notar onde pisam. Em ocasiões como essa, percebo que isso não é necessário, porque nós já cuidamos do local onde colocam seus pés — agora e daqui a cem anos — para que possam se concentrar em coisas mais importantes, como montanhas com penhascos que se erguem do oceano, florestas silenciosas, pássaros canoros, veados ariscos saltitando nas trilhas, mergulhões-do-norte imergindo nos lagos.

Chris Barter é supervisor de equipe de trilha do Parque Nacional de Acádia, no Maine. Este artigo foi publicado originalmente no guia da editora American Park Network sobre o Parque Nacional de Acádia. Mais informações sobre visitas aos parques estão disponíveis no site OhRanger.com.

Parques dos EUA: Cronologia

Foto: NPS

O presidente Theodore Roosevelt, entusiasta da vida ao ar livre, é fotografado no Parque Nacional de Yellowstone em 1903. Ele assinou a Lei das Antiguidades em 1906, determinando a proteção de monumentos históricos e estruturas pré-históricas

1872

O Congresso dos EUA cria o Parque Nacional de Yellowstone com 2 milhões de acres (mais de 800 mil hectares) nos territórios de Wyoming e Montana "como parque público ou local de lazer para o benefício e o divertimento do povo".

1890-1916

São autorizados pelo Congresso mais treze parques pitorescos. Entre eles, estão: o Parque Nacional do Monte Rainer em Washington, o Parque Nacional de Yosemite na Califórnia e o Parque Nacional das Montanhas Rochosas no Colorado, todos localizados no Oeste.

1906

É reconhecida a importância da preservação dos sítios pré-históricos de índios americanos com a aprovação da Lei das Antiguidades (Antiquities Act), concedendo aos presidentes americanos autoridade geral para declarar sítios de valor como monumentos nacionais. Até 1909, o presidente Theodore Roosevelt havia proclamado 18 monumentos nacionais.

1916

O Congresso aprova projeto criando o Serviço Nacional de Parques (NPS), na alçada do Departamento do Interior dos EUA, para gerenciar os 35 parques e monumentos sob jurisdição dessa agência.

1926

O Congresso autoriza a criação dos parques nacionais de Shenandoah, das Grandes Montanhas Fumegantes (Great Smoky Mountains) e da Caverna do Mamute na região dos Apalaches. A criação de parques no leste dos Estados Unidos tornou os parques acessíveis a centros com maior população aumentou o apoio ao sistema de parques no Congresso.

Foto: NPS

Veículos puxados por cavalos que percorriam estradas acidentadas eram o único meio de transporte para os parques no início dos anos de 1900, data aproximada desta fotografia tirada em Yellowstone

Coleção de Fotos Históricas do NPS

Passeio de carros pelas margens do Lago Sylvan no Parque Nacional de Yellowstone em foto tirada logo após a permissão para a entrada dos primeiros automóveis. Criado como o primeiro parque nacional em 1872, este sítio, pertencente originalmente ao estado de Wyoming, abriga grande variedade de vida selvagem e uma extraordinária quantidade de gêiseres e fontes de água quente

1930

São designados os primeiros parques por seu significado na história nacional e não por sua beleza natural, entre eles, o local de nascimento de George Washington, na Virgínia, e o local em que os britânicos se renderam às forças americanas em 1783, pondo fim à Revolução Americana.

1933

A administração dos parques e monumentos nacionais é consolidada na alçada do Serviço Nacional de Parques, que estabelece autoridade sobre os sítios previamente sob a jurisdição do Departamento de Guerra e do Serviço Florestal.

O Corpo Civil Conservacionista (Civilian Conservation Corps – CCC) é criado pelo New Deal, resposta do presidente Franklin D. Roosevelt à depressão econômica. Em poucos anos, mais de 120 mil funcionários do CCC estavam trabalhando em parques nacionais na construção de melhorias tais como trilhas, pousadas e instalações turísticas.

1935

A Lei dos Sítios Históricos (Historic Sites Act) é aprovada criando "uma política nacional de preservação para uso público de sítios, edifícios e objetos históricos de importância nacional para a inspiração e o benefício do povo dos Estados Unidos". O Serviço Nacional de Parques recebe amplos poderes para pôr a política em prática.

1936

A Lei de Estudo sobre Parques, Vias Arborizadas e Recreação (Park, Parkway, and Recreation Study Act) é aprovada dando poderes ao Serviço Nacional de Parques para trabalhar com outros órgãos governamentais no planejamento de vias arborizadas e instalações em âmbito federal, estadual e local.

1941-1945

Com a Segunda Guerra Mundial, os recursos destinados às operações dos parques e às visitas pelo público sofrem reduções drásticas.

1958-1962

O Congresso cria a Comissão de Análise de Recursos de Recreação ao Ar Livre, com a incumbência de realizar um estudo de quatro anos para análise de várias questões: os anseios e as necessidades do povo americano com relação à recreação ao ar livre, os recursos de recreação do país disponíveis para atender a essas necessidades e as políticas e os programas para suprir essas necessidades no futuro.

1963

Comitê consultivo dirigido pelo biólogo A. Starker Leopold recomenda mudanças significativas na administração do NPS dos recursos naturais e das comunidades ecológicas.

1964

A Lei do Sistema Nacional para a Preservação da Vida Selvagem (National Wilderness Preservation System Act) é aprovada, levando à proteção de áreas "onde a Terra e sua comunidade de vida estão livres da presença do homem e onde o próprio homem é um visitante que ali não permanece".

Charles Tasnadi/© AP Images

Em 1968, o presidente Lyndon B. Johnson assinou uma lei criando o Sistema Nacional de Trilhas e o Sistema Nacional de Rios Selvagens e Pitorescos

1965

É aprovada a Lei de Fundos para a Conservação de Recursos Terrestres e Hídricos (Land and Water Conservation Fund Act). De acordo com essa legislação, os recursos provenientes da venda de ingressos a visitantes, do excedente da venda de bens e de outras fontes são alocados para a aquisição de terras para criação de parques federais e estaduais..

1966

A Lei de Preservação Histórica Nacional (National Historic Preservation Act) cadastra todos os parques históricos no Registro Nacional de Sítios Históricos e dá poder às autoridades estaduais e federais encarregadas da preservação para supervisionar a administração dos sítios históricos.

1968

O presidente Lyndon B. Johnson assina a Lei do Sistema Nacional de Trilhas (National Trails System Act) e a Lei do Sistema Nacional de Rios Selvagens e Pitorescos (National Wild and Scenic Rivers System Act). A lei sobre trilhas foi a primeira lei dedicada à criação de trilhas recreativas acessíveis a áreas urbanas e trilhas pitorescas em áreas remotas. A lei sobre rios estabeleceu as políticas nacionais para a preservação de determinados rios que "possuam valores extraordinariamente notáveis sob o ponto de vista paisagístico, recreativo, geológico, histórico, cultural, pesqueiro e de vida selvagem ou outros valores similares".

1970

O Congresso aprova a Lei Geral dos Órgãos Públicos (General Authorities Act), que codifica as políticas do NPS exigindo abordagens de administração diferenciadas para sítios naturais, históricos e recreativos.

1978

A Lei sobre Parques Nacionais e Recreação (National Parks and Recreation Act) autoriza 15 novas inclusões no sistema de parques. A Área de Recreação Nacional das Montanhas de Santa Mônica, na Califórnia, estava entre as incluídas, com terrenos abrangendo desde montanhas agrestes até praias arenosas e litorais rochosos.

1980

A Lei de Conservação de Terras de Interesse Nacional do Alasca (Alaska National Interest Lands Conservation Act) é aprovada, aumentando a área de terra sob a jurisdição do NPS em 50%, totalizando 47 milhões de acres (quase 20 milhões de hectares).

1981

O Programa de Restauração e Melhoria dos Parques é lançado para destinar mais de US$ 1 bilhão durante cinco anos para estabilizar e melhorar os recursos e as instalações dos parques existentes.

2006

O presidente George Bush anuncia a Iniciativa do Centenário dos Parques Nacionais, criando um fundo de contribuições governamentais complementado por contribuições filantrópicas equivalentes para beneficiar os parques nos anos que antecedem o centenário do sistema.

2016

Ano do centenário do Serviço Nacional de Parques.

As informações contidas nesta cronologia foram tiradas de The National Parks: Shaping the System [Os Parques Nacionais: Moldando o Sistema], *publicação de 2005 do Serviço Nacional de Parques.*

Lugares Especiais Unindo Todos os Americanos

Entrevista com Mary A. Bomar

Serviço Nacional de Parques/© AP Images

Mary A. Bomar trabalha como diretora do Serviço Nacional de Parques desde 2006, chefiando 20 mil funcionários e 140 mil voluntários na administração de quase 400 parques

Mary A. Bomar é a 17a pessoa a responder pela direção do Serviço Nacional de Parques, tendo sido nomeada como diretora em 2006, após trabalhar 16 anos em muitos parques diferentes. Em entrevista por escrito à eJournal USA*, Mary Bomar discorreu sobre as razões de sua dedicação ao sistema de parques dos Estados Unidos e sobre suas esperanças para o encaminhamento desse sistema no século 21.*

Pergunta: De que forma o Serviço Nacional de Parques é emblemático de toda a história, da colonização e da expansão dos Estados Unidos?

Bomar: O Serviço Nacional de Parques é, sob todos os aspectos, emblemático de todo o escopo da história americana. Nós administramos áreas que preservam a história e a experiência cultural americana desde os primeiros assentamentos permanentes em Jamestown, na Virgínia, até a luta pela independência dos Estados Unidos, desde a expansão dessa nação e as guerras realizadas até a situação dos índios americanos e das minorias. Nós administramos áreas que destacam cada aspecto de nosso crescimento como nação, desde as coisas boas que conseguimos até a nossa "roupa suja".

De todos os cantos do país e do mundo, chegam pessoas para visitar os lugares que refletem o espírito americano e ouvir certamente histórias de heroísmo e sacrifício, mas também histórias mais tristes que fazem parte do que somos.

Costumo dizer que "há lugares especiais que unem todos nós, americanos — e os parques nacionais são esses lugares".

P: Como sua vida acrescenta outro capítulo a essa história?

Bomar: Tenho alegria e orgulho em dizer que sou "americana por opção". Fiz o juramento de fidelidade à Constituição dos Estados Unidos em 28 de outubro de 1977, em Spokane, Washington; foi um momento de muito orgulho em minha vida e na vida da minha família.

Minha história é, ao mesmo tempo, uma história americana e de imigração. Minha família possuía uma grande fábrica de meias em Leicester, na Inglaterra. Tive a sorte de ser criada por pais maravilhosos, ao lado de quatro irmãos e uma irmã. Meu amor pela preservação da natureza surgiu da vida em lindas cidadezinhas nos campos da Inglaterra. Minha família sentia verdadeiro amor pela preservação histórica.

Também vivi nos Estados Unidos durante algum tempo na infância. Visitei o Grande Canyon, a Floresta Petrificada, a Ponte Golden Gate, o Monte Rushmore e muitos outros parques nacionais. Essas viagens me

Elise Amendola/© AP Images

Cadeiras iluminadas representam as vítimas do atentado à bomba de um edifício federal na Cidade de Oklahoma, Oklahoma. Bomar era superintendente do local quando foi inaugurado em 2000. O local é afiliado ao Serviço Nacional de Parques, mas pertence à Fundação do Memorial Nacional da Cidade de Oklahoma e é operado por ela

trouxeram conhecimentos que nenhuma escola me daria — ver e vivenciar a cultura americana em todos os estados. Essas experiências maravilhosas em minha infância me inculcaram uma grande paixão pelas paisagens, pelas culturas e pelos habitantes dos Estados Unidos. Vem daí o motivo pelo qual creio ser o Serviço Nacional de Parques a maior universidade do mundo!

Entrei para o Serviço Nacional de Parques em 1990 e trabalhei em inúmeros parques e regiões diferentes, aumentando cada vez mais minha apreciação e compreensão do sistema de parques como um todo, em sua ampla diversidade e extensão. Fui nomeada para o cargo de diretor em 2006, após trabalhar como diretora da região nordeste, que inclui o Salão da Independência, na Filadélfia, onde os pais fundadores da pátria americana dedicaram sua "vida, fortuna e honra sagrada" à causa da liberdade.

Mas esta entrevista não é sobre mim. O que importa é a relevância contínua dos parques nacionais dos Estados Unidos e a preservação dos recursos naturais e culturais do país para nossos netos. Meu ideal é estabelecer relações de cada americano com os parques e garantir a sustentabilidade financeira e a proteção aos recursos dos parques.

Qualquer coisa que faça será com a ajuda de mais de 20 mil homens e mulheres que todos os dias trabalham com afinco para esta agência — são eles que terão influência sobre as crianças do país e poderão incentivar seu interesse pela natureza, pela ciência e pela história. Só espero dar-lhes as ferramentas necessárias para realizarem suas tarefas e serem seus porta-vozes à nação.

P: Em seu ponto de vista, quais são os maiores desafios enfrentados pelo Serviço de Parques atualmente?

Bomar: Há vários desafios enfrentados pelo Serviço Nacional de Parques neste início do século 21. Vou enumerá-los:

- Reenergizar o apoio do povo americano aos parques nacionais e renovar seu orgulho pela "melhor idéia já tida nos Estados Unidos";
- Melhorar os recursos do sistema para que o século 21 atenda as necessidades de uma população em mudança, inclusive o recrutamento, a retenção, a capacitação e a preparação de uma nova geração para liderar esse serviço;
- Atingir nosso imenso público e mudar nossos métodos para nos mantermos em consonância com a tecnologia atual e as rápidas mudanças demográficas de nosso país. Isso é de extrema importância para mim.

Harpers Ferry NHP

Guarda-florestal no Parque Histórico Nacional Harpers Ferry, na Virgínia Ocidental, cumprimenta guarda-florestal júnior recém-empossado. Esse jovem aderiu à missão do Serviço de Parques para preservar e proteger a história de uma cidade do século 19 que exerceu papel de grande importância na Guerra Civil Americana

Nossos superintendentes e funcionários estão sempre trabalhando para proporcionar ótimas experiências em nossos parques. Para acompanhar os gostos, a tecnologia e as mudanças demográficas do século 21, realizamos exposições táteis e em muitos idiomas, bem como novas abordagens de acessibilidade, e acompanhamos a tecnologia moderna com informações na internet, podcasts e visitas guiadas por celular, para citar apenas alguns recursos.

Precisamos fazer de nossos parques lugares mais vibrantes, atraentes e cativantes melhorando sua infra-estrutura e, para isso, precisamos recrutar, capacitar e desenvolver uma nova geração de líderes do século 21.

P: Os parques são freqüentemente citados como uma das mais queridas instituições nacionais, mas há certamente algumas situações em que surgem divergências sobre como deve ser gerenciado um determinado local e como deve ser apresentada uma narrativa histórica. Como lidar com essas situações?

Bomar: Naturalmente, há momentos em que surgem diferenças acentuadas na opinião pública, e precisamos reconstruir os relacionamentos com vizinhos de parques, parceiros e a comunidade turística. Se escutarmos, aprendermos e tomarmos medidas para incluir o público e os parceiros turísticos nas questões dos parques, podemos resolver essas diferenças. De modo geral, temos tido bastante êxito em criar relacionamentos relevantes com esses parceiros da comunidade e em superar interpretações errôneas ou desentendimentos. Afinal, todos nós queremos a mesma coisa.

Durante meus 18 anos de trabalho no Serviço Nacional de Parques, sou conhecida por promover a união entre as pessoas. Em 2000, fui superintendente do Memorial Nacional da Cidade de Oklahoma, o local do atentado à bomba do Edifício Federal Murrah de 1995 [que vitimou 168 pessoas]. Havia suscetibilidades na comunidade quando nos preparávamos para abri-lo, como seria de se esperar após uma tragédia de tal magnitude. Trabalhei com as famílias, sobreviventes, equipe de resgate e governos estadual e local para assegurar que todas as vozes seriam ouvidas. É importante — na verdade, essencial — ouvir todos os lados, inclusive aqueles que chamamos de "vozes discordantes".

P: Parte da obrigação do Serviço de Parques é preservar os parques para as futuras gerações. Você poderia explicar alguns dos programas educacionais do serviço que atuam no sentido de garantir que os jovens se tornem adultos conscientes do significado de conservar locais naturais, históricos e culturais?

Bomar: Os programas educacionais do Serviço Nacional de Parques são destinados a enriquecer vidas e melhorar o aprendizado, a cultivar o apreço das pessoas pelos parques e outros lugares especiais e, portanto, ajudar a preservar a herança dos Estados Unidos. O programa Parques como Salas de Aula foi criado para incentivar uma iniciativa educacional mais ampla por meio de uma variedade de atividades para as pessoas se informarem melhor sobre processos científicos, históricos e culturais, bem como pesquisar sobre esses aspectos. Em seguida, poderão aplicar esse conhecimento relativo à formulação de sua própria tomada de decisão pessoal e suas responsabilidades éticas. Queremos ajudar as pessoas a desenvolver um sentimento de responsabilidade vitalícia com relação aos parques mediante programas que realmente as envolvam em atividades como exposições, filmes, eventos interpretativos e outros.

Nosso programa "no parque" de estréia , para as crianças e suas famílias, é o Programa Guardas-Florestais Juniores, que incentiva as crianças a "Explorar. Aprender. Proteger". Quando os guardas-florestais juniores e suas famílias chegam a um parque, eles usam cadernos de atividades projetados especialmente para explorarem o lugar. Os cadernos introduzem a história do parque e indicam partes do local que passariam despercebidos sem esse recurso. Enquanto exploram o parque, aprendem mais sobre a história do país, sua própria herança cultural e o mundo natural que compartilhamos. E há a parte de "proteção" da atividade. Os guardas-florestais juniores, quase 500 mil a cada ano, descobrem coisas que podem fazer — no parque e em casa — para ajudar a assegurar que existam parques para se visitar no futuro.

A maioria dos guardas-florestais juniores tem entre 7 e 12 anos de idade, e esperamos que achem ser esse um modo divertido de fazer uma nova espécie de conexão com os parques nacionais favoritos, lugares que moldaram a história do país, lugares de beleza natural e maravilhas científicas. E, é claro, o que estamos realmente tentando é envolver crianças e suas famílias e esperar que passem a dar importância aos parques nacionais e a cuidar deles. ■

Quando um Parque Não É um Parque

Um parque, segundo a definição comum, é uma área com bosques, flores e caminhos sinuosos onde as pessoas vão a lazer. Entretanto, alguns locais mantidos pelo Serviço Nacional de Parques (NPS) estão longe de se enquadrar nessa descrição. Dê uma olhada no índice das 391 "unidades" do sistema do NPS e você encontrará campos de batalha, parques militares, sítios históricos, memoriais, monumentos, rios, costas litorâneas, trilhas. E também parques.

Mais de 130 anos se passaram desde a designação do primeiro parque nacional dos Estados Unidos, em 1872. Na verdade, esse primeiro parque — Yellowstone — havia entrado na meia idade na época da criação do Serviço Nacional de Parques, em 1916, como a agência responsável pela supervisão desses valiosos locais nacionais. Com o passar das décadas, as idéias sobre os locais que merecem proteção federal diversificaram e evoluíram.

Sejam eles conhecidos oficialmente como monumentos, parques, sítios históricos ou uma das 20 outras categorias de parque, os lugares escolhidos para receber proteção especial e preservação revelam muito sobre os valores dos Estados Unidos e a história que o país quer resguardar para o futuro.

Matt Rourke/© AP Images

O Salão da Independência, na Filadélfia (Pensilvânia), é uma construção da era colonial onde George Washington foi nomeado comandante-em-chefe do Exército Continental em 1775 e onde foi adotada a Declaração da Independência em 1776. O Salão da Independência é o ponto central de um parque que se estende por 20 quarteirões do coração do centro histórico da Filadélfia do século 18 e engloba mais de uma dezena de prédios históricos

Os **parques nacionais** dispõem de vários recursos e abrangem amplas áreas de terra ou água para ajudar a fornecer a proteção adequada a essas atrações nacionais. O Parque Nacional das Grandes Montanhas Fumegantes, no sul, e o Grande Canyon, no sudeste americano, são dois dos lugares mais populares nessa categoria.

Os **monumentos nacionais** preservam pelo menos um recurso relevante sob o ponto de vista nacional. O Canyon de Chelly (pronuncia-se shay) e as Ruínas da Casa Grande são vestígios de povos antigos e foram designados como monumentos nacionais. A Estátua da Liberdade, no porto de Nova York, oferecida aos Estados Unidos pelos franceses, em homenagem ao centenário americano em 1876, também é considerada monumento nacional.

Os **parques e sítios históricos nacionais** marcam os lugares onde o destino da nação se desenrolou para melhor ou para pior e também podem incluir parques militares e campos de batalha. O Parque Histórico Nacional da Independência inclui estruturas e sítios na Filadélfia, Pensilvânia, onde os colonos revolucionários americanos traçaram seus planos para declarar a independência da nação da Coroa Britânica. O Sítio Histórico Nacional de Manzanar, no leste da Califórnia, preserva e representa o lugar onde os nipo-americanos foram confinados durante a Segunda Guerra Mundial. Esse grupo também inclui o Parque Militar Nacional de Gettysburg (Pensilvânia), cenário de importante batalha durante a Guerra Civil dos EUA, em 1863.

Serviço Nacional de Parques/© AP Images

O Parque Militar Nacional de Chickamauga e Chattanooga, na fronteira entre a Geórgia e o Tennessee, marca o local de batalhas decisivas durante a Guerra Civil americana em 1863. Foi criado em 1890, sob a jurisdição do Departamento de Guerra, como primeiro parque militar. A administração do local foi transferida para o Serviço Nacional de Parques em 1933. É um dos 24 campos de batalha ou parques militares do sistema

Canoísta rema no Lago Superior, próximo ao Pictured Rocks National Lakeshore, no estado de Michigan. Rochedos, dunas de areia, quedas d'água e as águas do lago são as atrações desse parque que acompanha a linha costeira por 64 quilômetros

Bob Brodbeck/© AP Images

Os **memoriais nacionais** são fundamentalmente lugares comemorativos que não têm necessariamente uma ligação geográfica direta com seu tema. Memoriais em Washington, D.C., lembram a Segunda Guerra Mundial e as guerras da Coréia e do Vietnã. A designação de memorial também é muitas vezes atribuída a locais em homenagem a ex-presidentes, podendo ser estátuas em tributo a líderes do passado ou suas próprias residências.

Vias arborizadas, costas litorâneas, margens de lagos, rios, vias fluviais, trilhas pitorescas e áreas recreativas nacionais são algumas das outras designações especiais para quase 400 lugares sob a jurisdição do Serviço Nacional de Parques.

Uma "unidade" de parque nacional em uma categoria singular é o Parque Nacional Wolf Trap de Artes Performáticas. Localizado na Virgínia do Norte, nos arredores de Washington, D.C., nos palcos de seu centro são realizados cerca de cem espetáculos a cada verão, apresentando artistas de vários gêneros. Para o terceiro trimestre de 2008, estão programadas apresentações da Orquestra Sinfônica Nacional, da companhia lírica Gilbert e Sullivan, do cantor *country* Trisha Yearwood e do guitarrista de jazz George Benson. ■

Guardas-Florestais e Guias Suíços

NPS Historic Photograph Collection

Crianças aprendem sobre vida marítima com guarda-florestal do Parque Nacional de Acádia em 1961

Nas últimas décadas, o Serviço Nacional de Parques (NPS) dos EUA colocou sua experiência à disposição de muitas nações que trabalham para desenvolver, expandir e melhorar seus parques e iniciativas para conservação. Mas isso não tem sido uma via de mão única — o serviço americano também tem se beneficiado diretamente do compromisso internacional. Há décadas, por exemplo, o NPS começou a seguir uma prática européia para desenvolver o que se tornou uma das atrações características dos parques americanos.

Nos primeiros anos após a criação do Serviço de Parques pelo Congresso em 1916, o primeiro diretor da agência, Steven Mather, buscou orientação sobre como criar caminhadas na natureza para visitantes e sobre como fornecer aos visitantes explicações e interpretação das características dos parques. Ele recorreu a George Goethe, filantropo e conservacionista da Califórnia.

Goethe e sua esposa tinham viajado à Europa, viagem feita somente por alguns privilegiados americanos daquela época. Viram grupos de estudantes sendo guiados em trilhas alpinas por seus professores, que davam explicações sobre as flores, as plantas e as paisagens ao longo do caminho. Goethe percebeu que as excursões eram mais do que simplesmente educacionais.

Os suíços viam as aulas sobre paisagem como uma ferramenta para ajudar a construir unidade e apreço pelo lugar entre os diversos grupos étnicos e lingüísticos tentando viver lado a lado no pequeno país montanhoso. Enquanto as crianças compartilhavam a beleza e a maravilha de seu país nessas excursões, ponderaram os suíços, elas poderiam também desenvolver um sentido comum de patriotismo e orgulho que poderia ser compartilhado por elas apesar das diferenças de língua e religião de suas famílias.

Os Goethes decidiram que os Estados Unidos, com seus muitos cidadãos de diversas origens, também poderiam se beneficiar da sensação compartilhada de maravilha que um guia da natureza poderia infundir. Eles recrutaram naturalistas e botânicos para conduzir tais excursões em *resorts* particulares no Lago Tahoe, lago pitoresco aninhado nas Montanhas da Serra Nevada na fronteira da Califórnia com Nevada.

Em 1920 os Goethes e seus guias haviam adquirido experiência e sucesso suficientes em seus esforços e receberam um convite do diretor Mather para lançar um programa semelhante no Parque Nacional de Yosemite. Comunicado à imprensa do Departamento do Interior em 1960 comemorou décadas de sucesso iniciado com os Goethes: "As iniciativas originais, o entusiasmo e o generoso apoio financeiro à idéia de 'guia da natureza' do casal Goethe transformou-se no programa atual de interpretação personificado pelos guardas-florestais naturalistas uniformizados, historiadores e arqueólogos do Serviço [de Parques] que guiam os visitantes nos parques nacionais."

No século 21, a tradição dos guias alpinos continua na forma de 5 mil guias do Serviço Nacional de Parques que trabalham para compartilhar a alegria e a maravilha dos parques com mais de 275 milhões de visitantes todo ano. ■

O Apelo das Rochas

Bob Spoelhof

Que imagens vívidas vêm à mente diante do nome mágico "Vale da Morte". A maioria dos visitantes espera ver dunas de areia brilhando ao sol. Fazem parte desse quadro lagartos deslizando pelos cascalhos para se esconderem debaixo de uma rocha. Cactos, à espera do momento de florescer, pontilham as colinas. Esse tipo de paisagem seria de se esperar. Mas, o que surpreende a maioria dos visitantes é que um parque chamado Vale da Morte possa ser tão incrivelmente belo. As rochas — estéreis, listadas e multicoloridas — clamam por uma fotografia. As montanhas distantes e as salinas reluzentes atraem a vontade de explorá-las. Para mim, o deserto é muito mais do que eu poderia imaginar.

Minha esposa e eu estivemos aqui pela primeira vez cinco anos atrás, depois de servir como voluntários em outro parque de deserto. Como geólogo, fui tomado de tal surpresa com a evidência de processos geológicos bem recentes a ponto de me espantar. Um ano depois, estávamos trabalhando como voluntários no Vale da Morte, o lugar dos meus sonhos. Em seguida, conseguimos cargos remunerados e agora, passados quatro anos, estamos ano a ano mais fascinados pelo deserto.

Meu amor pela geologia do Vale da Morte me levou à observação e ao estudo, tentando sintetizar as complicações evidentes em cada afloramento rochoso. Percebi que o Vale da Morte e a sua geologia representam muito do oeste dos Estados Unidos. Os extensos vales e as cadeias de montanhas entre eles são típicos da maior parte de Utah, Nevada e Arizona. Também são vistas as linhas de falhas bem marcadas e abruptas existentes no sul da Califórnia. A geologia aqui apresenta elementos de todos os estados vizinhos.

Embora o Vale da Morte represente a paisagem geológica do grande sudoeste dos Estados Unidos, sua beleza e complexidade singulares continuam a despertar minha curiosidade, e espero que a dos visitantes também por muito tempo.

Bob Spoelhof é guarda-florestal interpretativo do Parque Nacional do Vale da Morte, na Califórnia. Este artigo foi publicado originalmente no guia da editora American Park Network sobre o Parque Nacional do Vale da Morte. Mais informações sobre visitas aos parques estão disponíveis no site OhRanger.com.

Clima de Mudança

Jeff Rennicke

Foto: NPS

Serviço de ônibus no Parque Nacional Zion, em Utah, substituiu a maior parte dos veículos particulares nas estradas do parque, eliminando assim mais de 14 mil toneladas de gases de efeito estufa da atmosfera. Os ônibus também melhoraram os habitats de vida selvagem, reduziram o barulho e aumentaram a segurança

As geleiras que dão nome ao Parque Nacional das Geleiras estão com um terço do tamanho que tinham há mais de cem anos, de acordo com pesquisa realizada pelo Serviço Geológico dos EUA. A pradaria de água doce de Everglades está ameaçada pela invasão de água salgada da Baía da Flórida. A mudança do clima é uma realidade para o Sistema Nacional de Parques, e medidas abrangentes para reduzir as emissões de carbono estão começando.

Jeff Rennicke é professor na Conserve School em North Woods, Wisconsin. Uma versão ampliada deste artigo foi publicada originalmente na edição do quarto trimestre de 2007 da National Parks, publicação da Associação de Conservação dos Parques Nacionais, organização privada, sem fins lucrativos, dedicada à proteção e à melhoria dos parques nos Estados Unidos.

Do aumento de *smog* nas Grandes Montanhas Fumegantes (Great Smoky Mountains) à perda de habitat de campinas úmidas para aves aquáticas, nenhuma área do Sistema Nacional de Parques está fora do alcance dos efeitos da mudança climática. "Esse é o maior desafio que já enfrentamos", diz Mark Wenzler, diretor do programa de ar limpo da Associação de Conservação dos Parques Nacionais, "uma ameaça à estrutura dos lugares que chamamos de parques nacionais". A realidade desse desafio criou algo que Wenzler chama de "real percepção de ação urgente".

Um dos resultados dessa urgência foi a criação do programa de Parques para o Benefício do Clima (CFP), esforço

cooperado da Agência de Proteção Ambiental dos EUA e do Serviço Nacional de Parques. Iniciado em 2003, o CFP possui uma tríade de objetivos: treinar as equipes de funcionários dos parques na questão da mudança climática; ajudar os parques a avaliar, monitorar e diminuir as próprias pegadas ambientais; e mostrar aos visitantes como as mudanças climáticas podem afetar os parques e dar exemplos de como participar das soluções. Os parques são solicitados a ministrar workshops do CFP, desenvolver planos de ação e monitorar e avaliar continuamente seu progresso para tornarem-se Parques para o Benefício do Clima. Até o presente, dez parques nacionais, incluindo Delaware Water Gap, Everglades, Baía das Geleiras, Yosemite e Zion, já realizaram workshops e outros estão em planejamento. É uma nova visão para os nossos parques, diz Shawn Norton, um dos coordenadores do programa. E, quando solicitado a descrever o Parque para o Benefício do Clima perfeito, fala com entusiasmo visionário.

"Um Parque para o Benefício do Clima perfeito é, antes de tudo, carbono neutro e não libera emissões na atmosfera", diz Norton. Ao chegar, o visitante recebe informações sobre práticas sustentáveis, um mapa das trilhas e um ingresso para o parque. Ao invés da confusão de muitos carros poluentes, particulares, espremendo-se nas poucas vagas de estacionamento, o visitante embarca em um sistema de ônibus movidos a energia alternativa que o leva de modo rápido, tranqüilo e limpo a qualquer lugar do parque que queira visitar. O centro de visitantes, que fica quase invisível, confundindo-se com o cenário de fundo por causa da arquitetura e da paisagem naturais — incluindo um "telhado verde" de plantas nativas — é uma instalação de energia limpa que aproveita energias solar, eólica ou geotérmica, tecnologia LED e iluminação natural. Os alimentos vendidos na lanchonete são orgânicos e cultivados no local. Os trabalhos artísticos à venda na loja de presentes são feitos de materiais recicláveis, como vidro e alumínio. Os banheiros são providos de vasos sanitários de baixo consumo e torneiras com fechamento automático para economizar água, e a limpeza é feita com produtos não tóxicos. Os veículos de patrulha dos guardas-florestais não emitem poluentes nocivos. Os prédios remotos são providos de painéis fotovoltaicos para suprir suas próprias necessidades energéticas. E sinais interpretativos explicam tudo isso aos visitantes do parque, com dicas sobre como diminuir as próprias pegadas ecológicas no parque e em casa.

Essa visão não é apenas um devaneio futurístico. "Não estamos tão longe de transformar grande parte disso em realidade", diz Norton. "Podemos reduzir nosso uso de energia substancialmente. Podemos reduzir drasticamente nossas emissões. Podemos reduzir nosso consumo de água de forma substancial usando as tecnologias atuais e, se o fizermos de modo agressivo, poderemos conseguir isso em praticamente todos os parques dentro de dez anos. Estamos apenas começando, mas outros parques estão seguindo o mesmo caminho todos os dias."

Um desses parques é o Zion, em Utah. Em 2000, um sistema de ônibus do parque substituiu 5 mil veículos particulares por dia por 30 ônibus movidos a gás propano, eliminando a emissão de quase 14 mil toneladas de gases de efeito estufa que cobririam o céu sobre o parque durante um ano. Um novo centro de visitantes "verde" utiliza energia solar para 30% da sua eletricidade, aproveita a luz natural para suprir 80% de suas necessidades de iluminação e conta com grandes torres de resfriamento que fornecem ar condicionado de baixo consumo no verão e um sistema de aquecimento solar passivo com parede Trombe (parede voltada para o sol feita com materiais que absorvem calor, tais como adobe ou pedra) para retenção de calor em dias mais frios. Considerada modelo para a construção de parques nacionais, a nova instalação reduz o consumo de energia em cerca de 75% e elimina mais de 136 toneladas de emissões de gases de efeito estufa todo ano.

Menos visível é o aumento do uso de materiais de construção ecologicamente corretos e de suprimentos de limpeza não tóxicos, bem como o aumento drástico nos esforços de reciclagem dentro do parque. "A iniciativa dos Parques para o Benefício do Clima nos permitiu tratar da gestão ambiental e da mudança climática ao mesmo tempo que identificamos áreas de prioridade para o nosso sistema de gestão ambiental", diz Jock Whitworth, superintendente do parque Zion. "Agora temos uma idéia melhor dos impactos da mudança climática nos recursos naturais e culturais do parque e podemos identificar possíveis soluções."

A mudança está chegando aos nossos parques nacionais, isso está bem claro. Exatamente como vai se dar essa mudança, e como as equipes dos parques, os visitantes e os próprios parques vão se adaptar a essa nova realidade é algo que não está tão claro. Mas como aponta o superintendente do parque Apostle Island, Bob Krumenaker: "Nós, no Serviço Nacional de Parques, estamos no negócio da perpetuidade. Sejam quais forem as mudanças climáticas, nossos parques permanecerão. Face à mudança climática global, nossos parques podem assumir importância ainda maior como alguns dos lugares mais prístinos, intocados e ecologicamente significativos que restarão no planeta." ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Expulsando os Invasores

Das águas estuarinas às vastas florestas e vales de terras públicas, passando pelos jardins das casas comuns, a invasão de espécies de plantas é um grande problema ambiental nos Estados Unidos e em muitas outras partes do mundo.

Roger Alford/© AP Images

Membros de uma Equipe de Controle de Plantas Exóticas do NPS combatem a invasão da videira kudzu no Desfiladeiro de Cumberland, perto de Middlesboro, no Kentucky

O problema começa com a importação inadvertida ou com a introdução deliberada, porém imponderada, de uma planta advinda de um ecossistema completamente diferente. Deixada em um ambiente novo, sem os controles naturais do seu próprio ecossistema delicadamente equilibrado, uma planta exótica pode sufocar espécies nativas em um ecossistema, às vezes chegando ao ponto de subjugá-las completamente. Em alguns casos, essa invasão pode ameaçar a sobrevivência de plantas nativas exclusivas das condições ambientais características de um habitat.

A introdução bem-intencionada, porém ambientalmente insalubre, de espécies no continente americano data dos primórdios da colonização européia, muito antes das conseqüências biológicas e ambientais de tais ações serem entendidas. O total reconhecimento do problema das espécies invasoras nos parques nacionais veio na década de 1960 com a publicação do marcante Relatório Leopold, assim denominado em homenagem ao eminente biólogo que conduziu um estudo sobre o manejo ecológico de parques.

Atualmente, o Serviço Nacional de Parques (NPS) enfrenta o problema das espécies invasoras com as Equipes de Controle de Plantas Exóticas (EPMTs). As EPMTs foram criadas para prover estrutura e resposta imediata às invasões de plantas exóticas nos parques. As 16 equipes foram espalhadas pelos Estados Unidos, cada uma atendendo uma rede regional de parques. As EPMTs desempenham papel cada vez mais importante como especialistas regionais no controle de vegetação e espécies invasoras. As equipes também prestam assistência aos parques com planos de controle da vegetação e em conformidade ambiental. Nos últimos cinco anos, as EPMTs realizaram controle ou tratamento de mais de 35 mil acres (cerca de 14 mil hectares), trabalharam em mais de 200 parques e trataram mais de 300 espécies de plantas invasoras. As plantas invasoras são controladas com o uso de uma variedade de técnicas — químicas, biológicas, mecânicas e remoção manual —, todas com o objetivo de controlar a propagação ou reduzir a densidade de crescimento.

O trabalho das equipes tem sido amparado por mais de 25 mil horas de voluntariado para auxiliar na conservação. De igual modo, a Associação Estudantil de Conservação, organização nacional de jovens voluntários que trabalha para a melhoria das terras públicas, tem sido um parceiro importante nesse trabalho de controle das espécies invasoras.

O Serviço de Parques também alista a geração mais jovem de amantes de parques para ajudar no controle das espécies invasoras. Há alguns meses, a diretora do NPS Mary A. Bomar esteve no Parque Nacional Everglades, na Flórida, junto com a primeira-dama Laura Bush e um grupo de estudantes. Os alunos ajudaram na remoção da aroeira-vermelha, espécie invasora exótica comum no sul da Flórida. Na ocasião, os estudantes se tornaram guardas-florestais juniores honorários e auxiliaram os funcionários do parque na plantação de 15 árvores e arbustos nativos da área. ■

O Local de Trabalho Mais Lindo do Mundo

Sue O'Connor

Minha mãe sempre disse a seus amigos que eu era guarda-florestal no Parque Nacional das Montanhas Rochosas. A verdade é que sou operadora de equipamentos da equipe de estradas. Opero todos os grandes equipamentos que as crianças fantasiam nas caixas de areia. E, melhor ainda, em estradas que estão de 8 mil a 12 mil pés (de 2.400 a 3.700 metros) acima do nível do mar. Vejo essas estradas como minhas jóias mais preciosas. São lindas, educativas, empolgantes e cruzam a Divisa Continental, mas podem ser perigosas e muito difíceis de percorrer. Sempre digo que tenho o local de trabalho mais lindo do mundo. É geralmente barulhento, mas a paisagem é sempre de tirar o fôlego e muda a cada estação.

Essas estradas foram planejadas e construídas por pessoas que, nas gerações passadas, apreciavam o meio ambiente. O admirável trabalho em qualquer ponto das rochas, acima, abaixo e em todos os lados, é prova cabal dessas pessoas.

Não é tarefa fácil conservar as estradas livres, transitáveis e seguras, certamente não para os fracos de coração. A Mãe Natureza mandou-nos de tudo em meus anos de serviço: inundações, incêndios, tempestades de raios, pequenas explosões, nevascas, avalanches, rajadas de vento totalmente fora dos mapas geográficos, montes de neve do tamanho de Gibraltar... material geralmente utilizado nos filmes de aventura.

Assim, estou participando de um filme de aventura! Opa, mas espere. (...) Não posso ver além de meu pára-brisa. Essa máquina não vai parar de deslizar? Estou tendo uma visão aérea do *Forest Canyon*. Minhas pernas não vão parar de tremer?

A boa notícia é que só liberamos as estradas para o público quando não apresentam perigo. Eu queria informá-los sobre o que acontece nos bastidores. Naturalmente, sem uma equipe de colaboradores profissionais, principalmente os mecânicos, nenhuma das estradas seria possível ou transitável. Onde eu trabalho o Oeste ainda é selvagem.

Sue O'Connor é operadora de equipamentos do Parque Nacional das Montanhas Rochosas, no Colorado. Este artigo foi publicado originalmente no guia da editora American Park Network sobre o Parque Nacional das Montanhas Rochosas. Mais informações sobre visitas aos parques estão disponíveis no site OhRanger.com.

Guardiões dos Monumentos Antigos

Charlene Porter

Nancy Richmond, Durango Herald/© AP Images

Visitantes do Parque Nacional Mesa Verde no Colorado caminham entre as habitações construídas nos penhascos pelos habitantes do Pueblo Ancestral no final dos séculos 12 e 13. Quatro mil sítios arqueológicos no parque fornecem evidências de 700 anos de ocupação pelos povos pré-históricos da América do Norte. O Mesa Verde também é um dos sítios dos EUA reconhecido pela Convenção do Patrimônio Mundial

O Serviço Nacional de Parques trabalha para preservar os monumentos antigos, apresentá-los ao público e compartilhar conhecimento dessas atividades com outras nações.

Charlene Porter é editora-gerente deste número da revista eJournal USA.

Paisagens naturais magníficas são a marca registrada dos parques nacionais dos Estados Unidos, mas milhares de sítios pré-históricos também fazem parte dos quase 34 milhões de hectares do sistema, vestígios da vida dos povos que ocuparam a terra muito antes de os colonizadores europeus proclamarem a descoberta de um Novo Mundo e fundarem uma nação.

O Serviço Nacional de Parques (NPS) valoriza artefatos e arquitetura antigos criados pelos ancestrais das atuais tribos indígenas americanas tanto quanto as vistas arrebatadoras criadas pela natureza e os sítios históricos onde os fundadores dos Estados Unidos elaboraram um plano para transformar uma colônia em nação.

Paul Connors/© AP Images

As Ruínas da Casa Grande tornaram-se a primeira reserva arqueológica dos Estados Unidos em 1892. Construídas há cerca de 700 anos pelos índios hohokam, estão entre as maiores estruturas pré-históricas já construídas na América do Norte. Um abrigo de proteção foi construído sobre as ruínas na década de 1930

Em 1906, o Congresso americano aprovou uma política nacional para preservar os sítios arqueológicos para o futuro. Na realidade, a Lei das Antiguidades (Antiquities Act), como é conhecida, precede a lei de 1916 que consolidou a gestão de parques, monumentos e outros locais sob a alçada do Serviço Nacional de Parques. Segundo Francis P. McManamon, arqueólogo-chefe do NPS, a Lei das Antiguidades transformou em lei a idéia de que "recursos arqueológicos e sítios históricos deveriam ser protegidos, e não deveriam ser explorados com fins monetários, por caprichos pessoais ou porque uma outra coisa deveria ser construída no local onde eles existiram".

A motivação para aprovar essa lei começou a se desenvolver algumas décadas antes de sua aprovação, quando colonos começaram a se mudar para o sudoeste dos EUA. Habitações de adobe e aldeias construídas pelos índios americanos centenas de anos antes pontilhavam a paisagem. Essas estruturas eram vistas por alguns como grandes artefatos das civilizações mais antigas, mas como pedreiras de materiais usáveis ou vendáveis por outros.

No início do século 20, a memória das Guerras Indígenas entre o governo colonial ou federal e os povos indígenas da América do Norte era muito viva e os índios americanos sofriam discriminação rotineiramente. A coincidência desses fatos com a aprovação da Lei das Antiguidades é "impressionante", declarou McManamon em entrevista à *eJournal USA*.

"Ao mesmo tempo que havia esforços para preservar essas ruínas e monumentos antigos, os descendentes do povo que os criaram estavam sendo sistematicamente destituídos dos resquícios dessa cultura", acrescentou McManamon. As políticas governamentais para retirar grupos tribais de terras tradicionais e expurgar a herança indígena da educação das crianças eram comuns naquele tempo.

Arqueologia nos parques

Hoje, o Serviço Nacional de Parques tem cerca de 70 mil sítios arqueológicos registrados nas áreas de

monumentos e parques que administra, e McManamon calcula haver dezenas, até mesmo centenas, de outros milhares de sítios distintos esperando para serem descobertos. A preservação de sítios com centenas ou milhares de anos é desafiadora por si só, mas o NPS deve também permanecer atento à sua missão de permitir ao público ver, compreender e apreciar os sítios.

No caso de vilarejos em penhascos e estruturas de aldeias, McManamon disse que "temos de estabilizar algumas das paredes de pedras ou tijolos de adobe para que a composição original não seja danificada" à medida que visitantes excursionem pelos sítios. Para fazer isso, os preservacionistas têm de fazer argamassa à base de terra, semelhante aos materiais que os construtores usaram originalmente, e reboco para proteger as ruínas das construções originais de adobe.

O desafio é compartilhado por especialistas em conservação arquitetônica que trabalham com monumentos, construções e estátuas em diversos lugares. McManamon e seus colegas arqueólogos do NPS Terry Childs e Barbara Little fizeram novas descobertas sobre os problemas compartilhados de sua profissão em 2007, quando um grupo de diretores dos monumentos afegãos visitou os Estados Unidos para observar as práticas da agência na gestão de parques e sítios arqueológicos e históricos.

Como muitos monumentos e tesouros históricos dos Estados Unidos, os monumentos no Afeganistão podem ser feitos de arenito, granito ou adobe. McManamon disse que os zeladores dos monumentos afegãos estavam ansiosos para discutir técnicas de ciência de materiais envolvidas na escolha da substância adequada para uso em estabilização de monumentos.

O arqueólogo-chefe do NPS também espera que o intercâmbio de informações ajude os diretores dos monumentos do Afeganistão a evitar alguns dos erros cometidos nos Estados Unidos durante anos. "Estamos retirando argamassa inadequada usada em alguns dos projetos anteriores de estabilização no início do século 20. Estamos substituindo-a por argamassa à base de terra que é mais macia e ajuda a preservar os tijolos originais de adobe", afirmou McManamon. "Essa é uma área onde nossos colegas do Afeganistão estavam no mesmo nível de aprendizagem e de interesse de algumas de nossas equipes de campo."

Educação da comunidade

Os afegãos visitaram sítios históricos em Washington e passaram oito semanas nas unidades do NPS no sudoeste em um programa de capacitação patrocinado pelo Centro de Patrimônio Cultural do Departamento de Estado dos EUA. Como parte de uma iniciativa para apoiar a preservação cultural no Afeganistão, o programa de capacitação de 2007 também orientou os visitantes sobre relações com a comunidade e a educação pública.

Com cerca de 400 parques, monumentos e sítios do NPS localizados em comunidades completamente diversas em todo o país, as autoridades da agência aprenderam com a experiência que desenvolver relações estreitas e de cooperação entre as autoridades dos parques e da comunidade é um componente importante na gestão de sítios históricos.

A educação é outro elemento desse relacionamento e também é política-padrão das autoridades dos parques trabalhar diretamente com suas comunidades para trazer para suas instalações crianças em idade escolar e outros grupos interessados. Isso foi "uma espécie de revelação" para os visitantes afegãos, disse McManamon.

"Eles acharam sensacional que durante sua visita grupos de estudantes tenham chegado em viagens de campo com um guarda-florestal guiando-os pelos pátios de Tumacácori [sítio de missão espanhola no Arizona fundada no fim do século 17]", acrescentou McManamon. Um dos visitantes afegãos manifestou intenção de introduzir programas de educação semelhantes no Vale de Bamiyan. Embora o Taleban tenha destruído duas estátuas enormes de Buda em 2001, o Vale de Bamiyan continua sendo um sítio cultural internacionalmente reconhecido ainda com evidências de seu papel como marco na Estrada da Seda no norte do Afeganistão.

Sítios históricos, do Afeganistão ao Arizona, são uma ferramenta crucial na criação de uma compreensão de vidas e culturas passadas em toda geração sucessiva, segundo McManamon. Se os jovens tiverem uma experiência pessoal com os lugares, as construções e os artefatos reais de vidas e eventos passados, eles "compreenderão e apreciarão de maneira mais intensa" o passado. ■

Patrimônio de Toda a Humanidade

Martin Mejia/© AP Images

A mais de 2 mil metros acima do nível do mar, Machu Pichu, no Peru, foi construído durante o auge do Império Inca no século 15. O Comitê do Patrimônio Mundial incluiu o sítio em sua lista em 1983

O que o Salão da Independência, construção do século 18 na Filadélfia, Pensilvânia, tem em comum com a abundante vida marinha da Grande Barreira de Coral da Austrália? Qual a ligação entre os picos gelados e as florestas de coníferas da Baía das Geleiras no Alasca e os templos antigos e a presença espiritual do complexo Angkor Wat no Camboja?

São todos considerados Sítios do Patrimônio Mundial, lugares de importância especial no patrimônio natural e cultural da humanidade. A Lista do Patrimônio Mundial, englobando atualmente mais de 875 sítios, é mantida segundo a Convenção do Patrimônio Mundial, tratado de conservação reconhecido por 185 nações, que o torna o instrumento internacional mais amplamente reconhecido para a preservação tanto de patrimônios naturais quanto culturais.

Dezessete dos 20 sítios americanos da Lista do Patrimônio Mundial fazem parte do sistema do Serviço Nacional de Parques, e o Escritório de Assuntos Internacionais do Serviço de Parques funciona como assessoria técnica do governo dos EUA para Assuntos do Patrimônio Mundial. Os sítios do Patrimônio Mundial nos Estados Unidos incluem pontos turísticos icônicos como o Parque Nacional de Yellowstone, o Parque Nacional do Grande Canyon e a Estátua da Liberdade, ao lado de outros menos conhecidos como o Sítio Histórico do Estado de Cahokia Mounds em Illinois — cidade pré-histórica de índios americanos — e o Taos Pueblo no Novo México, estrutura comunitária viva, ainda ativa, construída pelos índios anasazi antes de 1400.

A idéia da Convenção do Patrimônio Mundial surgiu em 1971 a partir de uma proposta do governo do presidente Richard Nixon, que via a idéia como uma expressão global do conceito de parque desenvolvido nos Estados Unidos. Nixon expôs a idéia em pronunciamento sobre sua política ambiental: "Seria ideal que até 1972 as nações do mundo concordassem com o princípio de que há certas áreas cujo valor em termos mundiais é de tal forma único que deveriam ser tratadas como parte do patrimônio de toda a humanidade e receber reconhecimento especial como parte de um Fundo do Patrimônio Mundial."

A delegação americana apresentou o conceito da convenção na Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo em 1972, e a convenção foi adotada mais tarde naquele ano pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Suzanne Plunkett/© AP Images

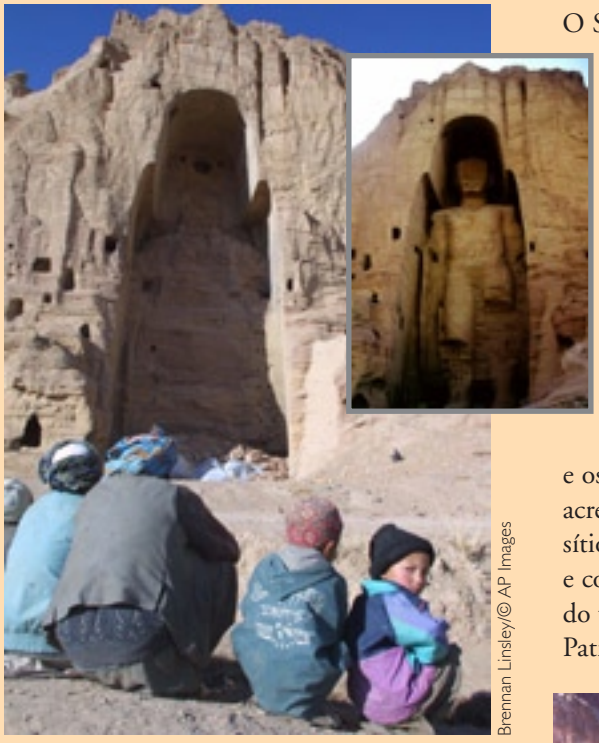
Monges budistas em Angkor Wat, próximo de Siam Reap, no Camboja. O Parque Arqueológico de Angkor contém as ruínas das diferentes capitais do Império Khmer, do século 9 ao século 15. O Comitê do Patrimônio Mundial incluiu o sítio em sua lista em 1992

Russell E. Train, que presidiu o Conselho de Qualidade Ambiental no governo Nixon, fez a apresentação dos EUA em Estocolmo e teve papel fundamental na fundação da convenção sob os auspícios da Unesco. No 30o aniversário da convenção, Train declarou que a Convenção do Patrimônio Mundial reconhece "a inter-relação integral entre a humanidade e o meio ambiente, bem como entre o meio ambiente natural e o meio ambiente feito pelo homem".

Os diversos e variados sítios reconhecidos pela convenção são considerados legado de toda a humanidade, embora ainda permaneçam sob o controle do país que os indicou. Ao participar da convenção, os países se comprometem a cuidar dos sítios únicos da Lista do Patrimônio Mundial, "para cuja proteção a comunidade internacional como um todo tem o dever de cooperar".

O Serviço Nacional de Parques e outras agências dos EUA, como o Serviço de Peixes e Vida Selvagem e o Serviço Florestal, têm trabalhado com os países participantes da convenção para ajudar a proteger centenas de Sítios do Patrimônio Mundial no mundo inteiro — das Ilhas Galápagos ao Taj Mahal, passando pelos vulcões da Península Kamchatka na Rússia.

O Porto da Lua, cidade portuária de Bordeaux, na França, está entre os sítios incluídos mais recentemente na lista, destacado como uma cidade histórica habitada que promoveu o intercâmbio cultural por 2 mil anos. A Ilha Vulcânica de Jeju e os Túneis de Lava na Coréia do Sul também foram acrescentados à Lista do Patrimônio Mundial em 2007. O sítio inclui o melhor sistema de túneis de lava do planeta e contribuiu imensamente para a compreensão científica do vulcanismo, segundo documentos da Convenção do Patrimônio Mundial. ■



© AP Images

Brennan Linsley/© AP Images

A estátua de Buda (no detalhe) no Vale Bamiyan no Afeganistão era a maior do mundo até ser destruída pelo Taleban em 2001. O buraco vazio (à esquerda) esculpido no desfiladeiro é testemunho da cultura que construiu a estátua

Bob Daugherty/© AP Images

As águas do Rio Havasu caem de uma altura de 70 metros no reservatório da Tribo Havasupai na base do Grande Canyon

Nos degraus onde esteve Martin Luther King

Marisa Richardson

Por pertencer a uma família de militares, viajei pelo mundo todo. Em meados da década de 1980 moramos três anos nos subúrbios de Washington, D.C. Lembro-me claramente de minha chegada a Washington para visitar o Memorial Lincoln. Passaram-se algumas décadas e o Memorial dos Veteranos da Guerra da Coréia, o Memorial Franklin D. Roosevelt e o Memorial da Segunda Guerra Mundial juntaram-se à paisagem. Estou nos degraus do Memorial Lincoln como guarda-florestal interpretativa. Estou vendo estudantes representarem o discurso de Martin Luther King "Eu tenho um sonho", que ele proferiu neste mesmo local há quarenta anos. Estou orgulhosa por ter ajudado as crianças, mesmo que de modo insignificante, a diminuir a distância entre o passado e o presente.

Estou surpresa com minha profissão; estudei Inglês e Comunicação na Universidade George Mason com a intenção de trabalhar em radiodifusão. Mas um verão como guarda-florestal temporária no National Mall e nos Parques Memoriais mudou para sempre meu propósito. Adorei ficar ao ar livre e interagir com pessoas de todo o país e do mundo. Apresentar um programa para visitantes é extremamente recompensador porque estou ajudando-os a fazer uma conexão intelectual e emocional com este lugar.

Um dos aspectos mais gratificantes de meu trabalho é ouvir os visitantes e aprender com eles. No Memorial da Segunda Guerra Mundial, aprendo diretamente com veteranos que compartilham suas experiências e enriquecem meu conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial. Adoro a versatilidade de ser guarda-florestal. Um dia apresento um programa para estudantes; no outro ajudo a planejar o Festival Cherry Blossom ou projeto uma exibição interpretativa sobre o Memorial Afro-Americano da Guerra Civil. Muitos visitantes dizem que tenho o trabalho mais fascinante do mundo — e eu concordo!

Marisa Richardson é guarda-florestal interpretativa no National Mall e nos Parques Memoriais em Washington, D.C. Este artigo foi publicado originalmente no guia da editora American Park Network sobre o National Mall e os Parques Memoriais. Mais informações sobre visitas aos parques estão disponíveis no site OhRanger.com.

Recursos Adicionais

Livros, artigos e sites sobre parques nacionais

LIVROS

Carr, Ethan. *Mission 66: Modernism and the National Park Dilemma [Missão 66: O Modernismo e o Dilema dos Parques Nacionais]. Amherst: University of Massachusetts Press* (em associação com a Biblioteca de História de Paisagens Americanas), 2007.

Cunningham, Clay. *YYellowstone to Denali: Bears, Bison, Poachers, Thieves, and Other Characters [De Yellowstone a Denali: Ursos, Bisões, Caçadores Furtivos, Ladrões e Outros Personagens].* Denver, Colorado: Outskirts Press, 2005.

Davis, Timothy, Todd A. Croteau e Christopher H. Marston, orgs. *America's National Park Roads and Parkways: Drawings From the Historic American Engineering Record [Vias Arborizadas e Estradas dos Parques Nacionais dos Estados Unidos: Desenhos do Registro Histórico da Engenharia Americana].* Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004. (Publicado em cooperação com o Centro de Lugares Americanos, Santa Fé, Novo México, e Staunton, Virgínia.)

Duncan, Dayton. *Horatio's Drive: America's First Road Trip [O Passeio de Carro de Horácio: A Primeira Viagem pelas Estradas dos Estados Unidos].* Nova York: Alfred A. Knopf, 2003. (Distribuído pela Random House.)

Harmon, David, Francis P. McManamon e Dwight T. Pitcaithley, orgs. *The Antiquities Act: A Century of American Archaeology, Historic Preservation, and Nature Conservation [Lei de Antiguidades: Um Século de Arqueologia, Preservação Histórica e Conservação da Natureza nos Estados Unidos].* Tucson: University of Arizona Press, 2006.

Kaufman, Polly W. *National Parks and the Woman's Voice: A History [Os Parques Nacionais e a Voz Feminina: Uma História].* Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006.

Rothman, Hal K. e Sara D. Ewert, orgs. *Encyclopedia of American National Parks [Enciclopédia dos Parques Nacionais Americanos].* Armonk, Nova York: M.E. Sharpe, 2004.

Saferstein, Mark J., org. *Oh, Ranger! True Stories From Our National Parks [Guardas Florestais! Histórias Reais de Nossos Parques Nacionais].* Nova York, NY: American Park Network, 2007.

Schullery, Paul. *America's National Parks: The Spectacular Forces That Shaped Our Treasured Lands [Parques Nacionais dos Estados Unidos: As Forças Espetaculares que Configuraram Nossas Preciosas Terras].* Nova York: DK Publishing, 2001.

Sellars, Richard W. *Preserving Nature in the National Parks: A History [Preservando a Natureza nos Parques Nacionais: Uma História].* New Haven: Yale University Press, 1997.

Thompson, John M. *Our National Parks: Tours With Rangers [Nossos Parques Nacionais: Passeios com os Guardas-Florestais].* Washington, DC: National Geographic, 2006.

Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos. *Honoring the Trust: Restoring Damage Park Resources: The National Park Service Environmental Response, Damage Assessment, and Restoration Program Progress Report [Honrando o Fundo: Recursos para Restauração de Danos em Parques: Resposta Ambiental do Serviço Nacional de Parques, Avaliação de Danos e Relatório sobre o Andamento do Programa de Restauração].* Washington, DC: Serviço Nacional de Parques, Departamento do Interior dos EUA, Centro de Programas de Recursos Naturais, Divisão de Qualidade Ambiental, 2005.

Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos. *The National Parks: Shaping the System [Os Parques Nacionais:Moldando o Sistema].* Washington, DC: Departamento do Interior dos EUA, 2005.

Webb, Melody. *A Woman in the Great Outdoors: Adventures in the National Park Service [Uma Mulher no Grande Espaço Aberto: Aventuras no Serviço Nacional de Parques].* Albuquerque: University of New Mexico Press, 2003.

ARTIGOS

Dolesh, Richard J. *"Tough Terrain" ["Terreno Difícil"]. Parks and Recreation,* vol.39, no. 10 (outubro de 2004): pp. 56-63.
http://www.nrpa.org/content/default.aspx?documentId=1550

"Places We Must Save: World Parks at Risk" ["Locais que Devemos Salvar: Parques Mundiais em Perigo"]. *National Geographic, vol. 210, no. 4 (outubro de 2006).*
http://ngm.nationalgeographic.com/ngm/0610/feature2/index.html

Tourtellot, Jonathan B., Simon Williams e Cassandra Cartwright. "Destination Scorecard: National Parks" ["Levantamento sobre Destinos:Parques Nacionais"]. *National Geographic Traveler*, vol. 22, no. 5 (julho/agosto de 2005): pp. 80-92.
http://www.nationalgeographic.com/traveler/features/nprated0507/nprated.html#magazinetext

SITES

Editora American Park Network
Fonte abrangente de informações sobre parques nacionais e terras públicas, incluindo guias para visitantes dos parques nacionais.
http://americanparknetwork.com/info/about-us

Instituto das Montanhas
Organização internacional sem fins lucrativos dedicada à conservação e à educação de culturas, comunidades e meio ambiente dos Andes, dos Apalaches, do Himalaia e de outras cadeias de montanhas do mundo.
http://www.mountain.org

National Parks Traveler
Revista eletrônica dedicada à cobertura do Sistema Nacional de Parques e do Serviço Nacional de Parques.
http://www.nationalparkstraveler.com

Convenção do Patrimônio Mundial - Unesco
Convenção de 1972 referente à proteção dos recursos naturais e culturais do mundo.
http://whc.unesco.org

Serviço Nacional de Parques dos EUA
Escritório do Departamento do Interior com jurisdição sobre parques nacionais, monumentos, campos de batalha, parques militares, parques históricos, sítios históricos, regiões de lagos, costas marítimas, áreas de recreação, rios e trilhas pitorescos, além da Casa Branca.
http://www.nps.gov

JOVENS LEITORES

Bear, Tedrick D. e Trefoni M. Rizzi. *TTeddy's Travels: America's National Parks [Viagens de Teddy: Parques Nacionais dos EUA].* Altadena, Califórnia: TdB Press, 2006.

Beckman, Wendy Hart. *National Parks in Crisis: Debating the Issues [Parques Nacionais em Crise: Debatendo os Problemas].* Berkeley Heights, Nova Jersey: Enslow Publishers, 2004.

DeFries, Cheryl L. *SSeven Natural Wonders of the United States and Canada As Sete Maravilhas Naturais dos Estados Unidos e do Canadá].* Berkeley Heights, Nova Jersey: MyReportLinks.com Books, 2005.

Lista de Leitura sobre Educação Ambiental
http://www.nps.gov/learn/eereadinglist.htm

Oh! Ranger
Site com informações sobre parques nacionais e estaduais e outras atrações para jovens visitantes.
http://www.ohranger.com

Parques com Listas de Leituras Sugeridas
http://www.nps.gov/learn/suggestedreading.htm

Petersen, David. *National Parks [Parques Nacionais].* Nova York: Children's Press, 2001.

Ensinando com Lugares Históricos
Lugares Ensinam!
http://www.nps.gov/history/NR/twhp/

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em julho de 2008.

Home page de eJournal USA

http://www.america.gov

UMA REVISTA MENSAL OFERECIDA EM DIVERSOS IDIOMAS